

Anacrusa

Romance

Ricardo Daunt

Em memória de José Martins de Mattos Filho

Os Nomes e os Modos

A Levedura dos Corpos

A Pelotinha de Isabel

O Equinócio e a Germinação das Plantas

Os Nomes e os Modos

1

as moscas não batem as asas. Coalho. Um feixe luminoso e muscular esparrama-se sobre o piso de olhos irregulares. Embriagada pela noite ela apresenta os bicos dos seios hirtos, salpicados de neve. Mel escorrendo por entre os dedos em suspensão. Os cotovelos apoiados sobre o parapeito da janela, o olhar eclipsado pela memória. Ao longe, onde termina o largo e suas marcas, a fadiga das casas, o mar e o cais e os barcos. Mas daqui não se vê; daqui, apenas seu corpo ocupando a região intermediária entre a luz coada do corredor e a zona escura, funda e imprevisível para além da janela e todos os esquadros.

Não a conheço, ou a conheço. De onde existo, a interrogação sem sentido. Ontem, Isabel estava trancada no armário, morta, dizendo-me coisas para além de todas as transcendências. Hoje, proclama-se seiva e músculos, religião e artifício. Anacronismo e arcano. Mas aí está, removendo-me o que para lá da casa e de toda visão. Situa-me na anterioridade do absoluto da destruição. Poderia me ter chamado de idiota, de mandrião, no entanto. Sacode meu corpo à evidência e me torna cúmplice de minha fraqueza. Matei-a um dia.

“Matei-a um dia”, disse-lhe ao presentir seu viço recobrado.

“Apreciei muito, Antonio Vidal”, respondeu-me das trevas.

“Traz a compotinha de pêssego. Ainda tem a compotinha?”

“Sobre a geladeira, ou talvez no guarda-comida. Nunca deixei faltar”, estaqueei bem a resposta.

Uma mariposa debatendo-se.

ou talvez o frêmito fosse de uma planta, fincada no soalho e arqueada sobre delicadas sapatilhas, nenhum pressentimento da casa, sobressalto ou desconforto. No entanto, a planta digeriu portas e janelas, confundindo-se já, raiz e alicerces da casa. Arrancar-lhe de suas culminâncias seria arrancar de nós a morada. Depois de provar do doce, Isabel alimentou a planta: afagos, pedidos insistentes para que não se descuide do crescimento.

“Uma árvore. Breve teremos uma árvore como casa”, mentalmente comparando as edículas do largo com nosso sítio.

“Onde eu, com tanta vegetação e luxúria?”

Recolho-me e Isabel fica à janela, fazendo sinais incompreensíveis para o padeiro, que não se conforma em nos ter adiantado os pães contra um pagamento incontáveis vezes postergado.

Isabel à janela, se não houvesse morrido um dia, sairia para a calçada, voltaria com o guarda a tiracolo, mandado de prisão por assassinato. Eu iria de bom grado ao presídio. Isabel não me chamaria de mandrião, de covarde. Mas está morta, aceito seus fogos fátuos como quem se atraca a um travesseiro, ou a uma determinação política qualquer. Dá no mesmo.

“Vamos dormir, Isabel”

Ela continua a gesticular para o padeiro, a reboque espanta as asas da mariposa em seu vôo cego e milenar.

O padeiro desistiu de receber o dinheiro, o guarda cruza o largo, atraído pelos odores do armário, sobe a escada do alpendre e se constrói inteiriço na sala.

“Senti um cheiro”, ele se desculpa pela invasão; como um títere a que se desse corda, balança o cassetete pendularmente, ouço um tic-tac, um tic-tac, tic-tac, e viro-lhe as costas.

“Cheire o armário, se quiser”, digo-lhe simulando sono.

“Tanto tempo faz, e só agora, enfim”

Ele ergue as sobrancelhas e me pede as chaves, rolo novamente na cama e risco um fósforo, provavelmente disse-lhe que não precisamos trancar nossos mortos com chaves.

Um gancho melodramático qualquer.

“O pobre além de tudo é cego”, corrige Isabel, o guarda pede desculpas e sai.

“Vamos dormir, Isabel, o homem foi embora, não foi?”

“As pessoas já comentam minha morte, no largo. O sino da igreja toca funebremente todos os dias, às seis horas. Rezam por mim e por quem me sonegou alguns anos de vida. Antonio Vidal, você será coroado pela igreja”

“O guarda me levará antes”, respondo-lhe.

O guarda me levará antes, porque trago uma fêmea no bojo do estômago, feto descomunal a amamentar-se dos odores que a vida resguarda: alfazema, almíscar, hortelã, óleos diversos, o trajeto de sóis e luas, perfis imortais sopesando alguma idéia pelos cantos, intimamente desejando se tornarem cérebros originais no intuito de habitar regiões mais bem orquestradas deste vale. Vou me defender no júri: a lei é impotente para julgar o espasmo fatal de uma unha pintada de roxo, ou um par de dedos. Não destruí a fala de Isabel, ela me inocentará, exijo isso. Alguém trará ao juiz seu pescoço

marcado pelo arrebatamento, direi que sua garganta está intacta, as mesmas fomes.

Alcançaremos um dia o direito de fazer de nossa linguagem íntima um objeto extravagante, noticiário impalpável sob a ótica de um julgador. Ao cabo de tudo um ritmo para além de toda harmonia, o último instante poderá ser, por exemplo, um leve pinicar delicioso sobre a fronte.

“O último instante poderá ser um leve pinicar delicioso sobre a fronte”, disse-me Isabel. Eu repetirei nos jornais, fornecerei todos os detalhes provenientes de minha relação com o estômago, suas nobres funções, nada na razão que não se concentre no estômago antes. Um leve pinicar

“Antonio Vidal”

Sim, talvez soe como um nome assim, mas sem o cenho franzido, sem a culpa, apenas uma lembrança. Das primeiras notas de uma melodia que não se vai esquecer jamais, deita-se o nome em levedura, macera-se no lagar até que as sementes se separem da polpa, e a polpa se confunda com o sumo. O sumo reflete o trajeto da fruta e a dança de todo o corpo concentrada nos artelhos e na planta dos pés, no ríctus do rosto e no equilíbrio de braços, quadris, tronco. Não se tem mais o nome, ou a polpa, uma promessa de vinho, talvez,

janelas abertas para um largo ou uma praça, é domingo, as gentes se acotovelam defronte a estação, um silvo, o carvalho estático, acobertando os bancos, as pessoas trazem chapéus nas mãos, presos pelas abas, fazem girar enquanto as palavras, o calor das vozes, retira-se o sumo, enlata-se, põe-se nome sem uma consulta prévia

ao defunto, letras góticas, bom companheiro, dileto funcionário, amado esposo, dedicado irmão, o carvalho estático na praça, o guarda me levará algemado antes que me torne um santo.

Isabel volta a provar da compota de pêssego. Providenciei uma fatia de queijo, depus os talheres.

“Enganamos o guarda”, ela diz do armário.

Devolvo-lhe um sorriso. Meu nome, penso no meu nome, ainda o inscreverão ao lado do dela -- a frase sacode-me entre os dentes, mastigá-la com cuidado, engoli-la.

Deito-me novamente arrepanhando uma cenoura gigantesca que o descuido de Isabel. Sobre o tampo da mesa de cabeceira. Se agora estivesse na plenitude de suas energias vitais atenzaria Antonio Vidal.

“Dividi-vos e multiplicai-vos estupidamente”

Sem dúvida uma boa defesa. Mas ela alegaria:

“A cada um o que é seu, ou que virá a ser”

Ela diria melhor:

“A cenoura é minha, é bicho quem comeu”

a cenoura: estou a comê-la de dentro do armário, a cor da semente do fogo, não a combustão do oxigênio - assustadora, conquanto frágil no dano. O cerne, o que remete ao pulmão os miasmas da vida. Sim. E para além da região de crepitação o bulbo,

vigilante ao crescimento, espinha primordial que comunica as promessas do fundo da terra, sem ventilar as probabilidades que habitam tal aventura. Escorrego pelos liames das cores: o corpo exterior, evidência restaurada em ascensão para o ventre da terra e explodindo em chumaço no contato com o sol. O cordão umbelical que se arremete para o circuito fechado da consciência do bulbo. O corpo interior, fímbrias claras, transparentes quando a cenoura é tenra. Aveludado, mas de sabor amargo, quando a cenoura explorou o que havia de explorar de seu chão.

a cenoura: não estou a comê-la de dentro do armário, já que não há espaço para mim e Isabel. Estou, melhor dizendo, observando-a de onde a esqueceram. Não sei se a agarro e abocanho um pedaço, se a desbasto até o bulbo com a pertinácia e constância de um roedor. a cenoura: em algum romance ela se instaurou por entre as páginas, fazendo imensa falta na geladeira de uma casa onde moravam expectativas - também imensas - quanto à próxima linha.

Sirvo-me então. Chega de observá-la.

“Chega de observá-la”, diz Isabel da janela.

“Coma de uma vez e devolva-me o dia”

Salto algumas horas, sufocando a noite reduzida entre dois dias inchados de luz. É assim que ela gosta, para poder ganhar tempo e projetar sua transparência sobre a cabeça dos passantes. Alegre e revigorada, arranca os chapéus dos senhores austeros que se dirigem à praça para alimentar o insaciável pássaro da austeridade. Que come de suas mãos, beliscando a palma em côncavo. Não se atemorizam com o que geraram em seu útero. Isabel admira-os,

gostaria que eu os imitasse: chapéu de feltro, colarinho alto, mangas abotoadas, peitilho engomado, lustro nos bigodes e nas botinas.

“A bengala com cabo de madrepérola”, devia mostrá-la.

Minhas horas íntimas permaneceram na noite. Não posso mais escutá-la, sua voz perfurada de iridescências, seu corpo. O ambiente todo traduz a praça, um magma. Da cor da cenoura que saciou Isabel. A cenoura me envenena, corrosiva, transporta-me para a memória da praça, o largo, um gato dependura-se sobre uma das cimalthas da igreja, a liturgia do culto inscreve-se nos vitrais que tecem sobre o largo um tempo ancestral múltiplice, o espírito boreal dos vitrais ilumina o gato que em seu inquisidor mistério identifica o pelame que a tudo envolve e desarmoniza. Um largo maior no estádio da lembrança

o cinema é uma construção cinzenta e descomunal, do tamanho da igreja. As duas instituições se desafiam mutuamente, despindo e cobrindo o corpo de John conforme o desenho da verdade. John virá nos visitar. Nesse dia Isabel poderá provar do sangue e do corpo, beijá-lo. Será reconfortante enclausurá-lo nesta casa. Longe provisoriamente do culto e das lentes de aumento. Isabel irá dizer, ao cabo:

“ele beija pior que você, Antonio. Beije, quero ver”

O largo não se embaraça com o cinema e a igreja, traz o calçado sobre sua epiderme, que a tudo unifica, compulsoriamente. Sua força centrípeta: vendedores ambulantes à roda, clérigos em vilegiatura, austeros em falsa descontração, viajantes combalidos e périplo sem fim dos que têm suas janelas debruçadas sobre a vida. Registros.

“Vou dormir, não importa quando”

“Logo agora que o dia está a iluminar o quarto?”

É verdade, admito. As venezianas chacoalham trincando dentes e as duas folhas da janela esgarçam as grades, descambando sobre o paredão de pedra. A casa que eu trouxe fechada até agora desaba à evidência da placa fixada pouco acima da porta, que reverbera em sobressalto o nome de Antonio Vidal.

“Meu nome, menina”, brado agraciado, obrigando Isabel a constatar que o serviço havia terminado. Faço-a se debruçar sobre o parapeito da janela e puxo seus cabelos com força para trás, apontando seu olhar de morta para a placa. Seu rosto fixado para sempre no derradeiro esgar.

“Trabalho noturno”, acrescento com auto-estima. Mas eu não sabia que já haviam chumbado a placa na parede.

“Não disse que esta a casa?”

“Como assim?”, acareou Isabel.

“Construí a matriz da placa enquanto você ressonava ao meu lado. Fui tateando, tateando. Em uma noite obtive o A, noutra o N, noutra ainda o T. Nalgumas noites nada fiz, por dissimulação. Noutras alcancei o dobro de produtividade, ocasiões em que saltava algumas letras, embaralhando o ferro e toda a verdade. Um sentimento de independência, então, não me importava mais se você iria descobrir tudo, ou ignorar até o final”

Vou soltando seus cabelos devagar, a cabeça descamba para baixo.

“Agora todos vão ver que você me matou”, ela consegue dizer.

“É somente uma placa, Isabel. E está muito bem feita. Vão elogiar, eu sei”

“Vão culpá-lo agora, pois todos saberão onde fez moradia”, ela adverte no intuito de agravar meu projeto.

Arrasto seu corpo para dentro de casa.

“Assistiremos a um filme”, justifico o arrebato.

Sento-a sobre uma cadeira, aciono a máquina e as primeiras imagens começam a aparecer: vemos os senhores austeros sentados nos bancos do largo, o sino da igreja - bimbando as doze horas? - vemos os letreiros do cinema sendo trocados morosamente por um homem grisalho dependurado em uma escada altíssima, percebemos o momento em que Antonio Vidal, o corpo projetado para fora da janela, o vento agitando panos, surpreende a placa com seu nome recém-colocada, vemos um rosto conhecido que aponta na janela, nos damos conta de que sua cabeça está segura pelas mãos de Antonio Vidal, encordoadas por longos fios de cabelo. Nesse momento concedo mais velocidade ao projetor, Antonio Vidal recolhe o corpo de Isabel da janela, os vendedores rapidamente se espalham, deambulando pelo largo, os austeros se erguem dos bancos premidos talvez por alguma ocorrência que os expulsa de toda austeridade, ouvimos o sino repicar incessantemente, o gato voar de uma cimalha para outra como um bólido e desaparecer, o letreiro luminoso do cinema se acende e longas filas já tumultuam o guichê, vemos o clérigo precipitando-se do adro da igreja e, acompanhando-o na medida do possível, vêmo-lo desaparecer pela porta lateral de uma casa a algumas centenas de metros do largo. E antes que possamos registrar devidamente o assunto já estamos com o clérigo novamente sob o foco -- as luzes ardem --, quando então, de relance, percebemos sua batina amarfanhada rodopiar e

novamente fugir de cena, escafedendo-se por uma viela que desemboca nos costados da igreja, já estamos outra vez na casa de Antonio Vidal, que uma vez mais arrasta Isabel pelos cabelos, a deixa debruçada sobre o parapeito da janela, enquanto retira com uma chave de fenda os parafusos que prendem a placa ao muro de pedra -- bate com força as folhas da janela --, senta-se depois ao lado do projetor, emprestando-lhe o ritmo natural das coisas, a mansidão do largo, o sono dos mortais e o repouso de toda justiça.

“Não me faça mais isso, Isabel”, um doesto. E sentencia:

“os dias são os dias e as noites, noites”, com alarme, antes de fazer deslizar os cabides do armário para dar espaço às virtudes inconvenientes de Isabel.

“O guarda voltou, não disse? Tranque-se, Isabel”

“Documentos”, ele cobra, o cassetete indo e voltando. Uma das mãos agarrada aos galhos da planta descomunal.

“É uma árvore”, falo, procurando justificar os descomedimentos da casa, sua real natureza. O policial alça o corpo e inicia sua ascensão pelos cômodos, com agilidade chega ao último galho.

“É uma avenca, mas muito bonita”, conclui o guarda lá do alto, rugindo como se discursasse para a praça.

“Regamos diariamente, Sísifo não faria melhor”. Tento subir e alcançá-lo.

“Sísifo não faria melhor”, repito já no cimo, sentado ao lado do policial.

“O que fará se a avenca crescer mais?”

“Ampliarei a casa, o céu é o limite”

Ele me pergunta se a morta também executa esse trabalho. Respondo que sim, todos temos responsabilidades iguais.

“Deveriam doá-la, a municipalidade se encarregaria de tudo. O largo, então”

“Não há como descarnar a casa da ossatura da planta, além do mais, gostamos daqui. Não desejaríamos nos ver obrigados a encontrar acomodações em outro lugar”

“Sem dúvida, sem dúvida”, o cassetete balançando.

Ficamos os dois no galho, as pernas soltas no ar. Isabel aciona o monitor. Do alto assistimos ao filme que preparei, caso o policial quisesse retomar as investigações. John está na tela, um frágil corpo feminino nas mãos, interrompe a cena e olha para a platéia. Isabel, sentada ao meu lado, se põe de pé afoitamente, esperando que John a convide para um passeio -- ao luar? --, mantenho-me na mesma posição, contrito e fragmentado na surpresa. Isabel toma a iniciativa, já que o galã não parece saber que atitude tomar. A passos largos ela atravessa o corredor e mergulha no cenário do filme, John solta a cintura da figurante e sorri para Isabel de modo condescendente. Surgem apupos na platéia e dou-lhes razão, já que pagaram para John beijar a mocinha esguia, não para vê-lo contracenar com Isabel. Aparece então o guarda com o cassetete -- em seu movimento de pêndulo, marcação de horas --, o guarda, não encontrando uma maneira eficaz de acalmar os ânimos quer da platéia, quer dos atores, opta por expulsar Isabel da tela. Agarra-a, ela que já estava nos braços do galã, e a empurra para longe da câmera. As luzes do cinema se acendem, Isabel está procurando se recompor bem ali junto ao primeiro renque de poltronas. Resolvo partir, abandonando-a no meio do corredor. Isabel titubeia sem saber se deve voltar ao filme, beneficiando, assim, seu desejo -- ou se sai comigo do cinema o mais discretamente possível, favorecendo, assim, a vontade popular. Na seqüência o policial perde a cabeça, distribuindo pescoções na mocinha e no galã, depois, atarantado, gesticula para algum ponto atrás da câmera, exigindo a suspensão do filme e a supressão das últimas cenas, quando o filme é novamente projetado e se pode ver que os três vultos na rua escura são justamente Antonio Vidal, Isabel e o policial.

“É isso”, digo, quando ouço a ponta do rolo do filme farfalhar no magazine. O guarda aplaude levemente ruborizado, continuando com as pernas no ar, sentado no último galho da avenca. Resolvo descer da árvore. John, de solo seguro, observa que teria sido melhor se o guarda tivesse permanecido na tela, de onde quem entra não deve mais sair. Isabel senta-se ao lado de John:

“e o que diz de mim?”

“Intimidante”

Não ousou perguntar nada. Mas John comenta:

“gostei do seu modo de andar em ruas escuras. É qualquer coisa”

O policial desce da avenca, John explica suas realidades, o guarda abre as portas do armário:

“a senhora está bem, aí? Tudo de que precisa”, diz apontando para os inúmeros estojos de pintura e latas de conserva, os pertences de Isabel. Ela apóia-se no guarda e sai do móvel:

“sim, como não”

“Sem dúvida”, também afianço, fazendo um gesto para John, escusando-me da interrupção. O policial interessa-se pelo relicário, abre os estojos, deixa uma fina gaze de pó de arroz atada a uns laivos de luz. John retoma a preleção.

“Uma lata de conservas, não há dúvida. Tantas expectativas a serem”, diz o cineasta,

“uma revelação cruel, sobretudo em se tratando de espiões da lei, porque o código”

O policial abandona os objetos e cerra as folhas do armário, pressa em cumprir o ofício.

“Não quer subir mais um pouquinho, pegar a fresca da tarde?”, pergunto-lhe convidativo, aponto para o alto. Ele ergue as vistas injetado de novos interesses, seu queixo desponta luzidio na tela, dividido ao meio por uma tênue linha vertical, como duas metades de um limão que as rodas de um carro comprimissem contra o lajedo. O filme estanca aí, e só se pode ouvir a ventarola do projetor soprando sobre um mesmo e eterno fotograma. O queixo do guarda, a boca semi-aberta de John, o rosado pescoço de Isabel, o braço direito de Antonio Vidal atado a alguma intenção que o filme não deixa transparecer.

Uma segunda alma toma corpo, apodera-se da placa, desfaz a gravidade da acusação, fazendo da peça de metal um inocente jogo de alfabeto.

“As letras proclamam tantas verdades e nenhuma”, digo quando um novo fotograma dá seqüência ao filme:

o queixo do guarda cola-se ao pescoço, a boca de John articula sons, o pescoço de Isabel, empapado de suor, parece regurgitar admirações, o braço de Antônio Vidal cai ao longo do corpo, arrependido da sugestão feita ao policial, as portas do armário abrem-se para surpresa do diretor, e as latas e os estojos retransmitem para as retinas o brilho ímpar das filmagens -- não parecem mais objetos enodados pelo azinhavre do tempo, mas mercadorias recém-chegadas, refulgindo agradecidas pela atenção dispensada, as moscas batem as asas rutilantes, John se cala, estufa o peito e prepara a boca para um sorriso, Isabel abre as asas dos braços, afasta-me do lado do ator, deixando-me fora desse último fotograma -- ela o guardará na mente por muitos anos, afirmando

ser o final da película, embora eu testemunhasse, de corpo presente, a seqüência

quando o policial puxa o ator pela manga do casaco, aproxima-se do armário e diz:

“Parece que alguém esteve dormindo aqui dentro”

Ao que John responde:

“é possível, é possível, tudo é possível”, enquanto Antônio Vidal revisita mentalmente o interior do móvel, concluindo satisfeito que a cena do armário é absolutamente inócua para o arrolamento de dados, provas, impressões que possam caracterizar *de per si* um homicídio.

O filme prossegue, sem falas ou som: Isabel, sempre próxima ao galã, procura dizer-lhe algo, matraqueando qualquer coisa nos seus ouvidos, aponta para Antônio Vidal em flagrante libelo acusatório que o ator não percebe, já que não pode ver o que é impossível de ser visto, nem ouve o que está ausente do *script*.

Não obstante, Isabel sussurra-me, longe dos microfones desligados:

“vou reconverter a placa, novo enunciado no jogo do alfabeto”

O diretor haveria de me perguntar o que dissera ela, para que nada se perdesse durante a gravação muda. Repeti o que dissera Isabel.

“Que jogo?”, interrogou-me.

“Brinquedo familiar, apenas. Entretenimento para os intervalos. Espero que não se incomode”, respondi com afetação.

“Então retorne para o último fotograma”, a ordem.

Assenti e me postei ao lado da cama em que Isabel jazia morta. O colar de pérolas, que me servira de arma, em torno do pescoço, os passos curtos do policial no quarto, a falsa comiseração de John, excessivamente maquiado para a cena, o padre com a roupa

andrajosa, acarinhando o gato, os vizinhos curiosos, espiando por entre a espessa folhagem da avenca, as manchetes dos jornais:

‘morta, apenas’

e estranhos chegando, se dependurando nos galhos da planta, suas formidáveis asas de mariposa sombreando o alpendre da casa: concentrado ruflar de asas. Até que me deitei ao lado de Isabel, seus seios hirtos, aninhados timidamente na extravagância das carnes, e fechei os olhos, os poros, coagulado na minha tarefa de figurante, sem culpa ou outra necessidade premente. Isabel diz:

“há um milhão de testemunhas aqui, Antonio Vidal. E você dorme?”

“Eles vieram para ver você, não a mim”, respondo e John gosta do efeito, pede que religuem os microfones para maior impacto. E comparece com uma de suas sapiências:

“as pessoas querem o óbvio de efeito, se preferem pensar, ficam em casa, não vão ao cinema. Um filme é uma forma de”

Frase feliz, não há dúvida, frase de quem consegue coçar, sem o auxílio das patas, suas próprias costas, friccionando-as de encontro a alguma superfície áspera. Uma árvore, por exemplo. Devemos saber colher seletivamente o que é de comer e o que é de admirar. O que cura as dores do estômago, suas enfermidades, e o que insolitamente robustece o espírito quanto mais o nega e o traumatiza. John merece aplausos pela interferência.

A claquette cai como guilhotina e eu retomo:

“Eles vieram para ver você, não a mim. Isabel vira o rosto, consternada, enquanto ajeita delicadamente as mangas da túnica mortuária. O diretor resolve interromper para efetuar alguns acertos de iluminação, o maquiador aproveita para refazer minhas olheiras

fundas e passar talco na ponta do nariz. Penso que deveríamos refilmar tudo, principiando pela infância dos protagonistas, de modo que o público tivesse contato com

“senhor diretor, acredito piamente que uma pequena sugestão”

mas uma nova seqüência já está em andamento, onde estou a sugerir à Isabel que dirija suas queixas à produção, já que um acusado de homicídio normalmente pouco pode fazer nesses casos, além de comparecer ao tribunal no dia e hora marcados. O guarda se aproxima do leito,

“deverá vir comigo agora, poderá fugir depois das filmagens”

Concordo, levanto-me e deixo Isabel no seu catre. O diretor lembra que não posso me retirar sem as algemas, e que não me esqueça de assinar o livro de ponto à saída do estúdio.

“Claro, claro”, respondo, erguendo os pulsos indefesos para o policial. Antes, porém, peço à autoridade que me conceda a permissão de subir até o último galho da avenca,

“região de onde o crepúsculo, enfim”

vou subindo sem pressa. Do topo, sem o inconveniente de ter que espiar por cima dos ombros do espectador da poltrona da frente, refestelo-me, filando um cigarro. De cima posso acompanhar a legenda sem perder uma só palavra, posso inclusive descobrir, pelo exame dos pés dos atores, até onde vai sua dedicação profissional e onde termina seu talento

posso ver toda a tela de extremo a extremo, o fio que separa nas laterais e longitudes a fantasia da realidade. Posso mesmo me fixar e penetrar nele, sentir sua falsa integridade, sempre inclinada a saciar sensações parciais. Sacrifício obrigatório de todo limite -- mas redundante, pois se tais essências estivessem separadas, não

haveria aplicações práticas para o fio. Dissesse-me: não existem tais países que estou a recortar, eu procuraria tocar com amor essa cerca, por onde microscopicamente caminham o policial, os espectadores, a arte de John -- sua ausência --, o gato fugidio, os segredos do armário, o padre trãnsfuga, as especulações dos austeros, a única voz que é a vida e a morte, as horas sem brilho, os matizes do lajedo da praça, o sacrifício da pedra sustentando a casa, o frescor da janela, o coalho de sol refulgindo sobre as idades, o mosaico sem fim que a tudo congrega com uma consciência que nos escapa. Mas não, arma-se o fio com tal desiderato, e não compartilha, com ninguém, mesmo sua muda penitência.

“Senhor diretor, diga-lhe que”

Estou do alto, o guarda me traz o prato de comida, bate a porta atrás de si e prossegue sua tarefa ao longo do corredor.

“Nunca encontrará placa alguma”

“O que disse?”

Eu?

“que se houvesse uma bagatela de sal”

talvez pudesse encontrar mais sabor neste cardápio.

O diretor irrita-se com minhas exigências. Não tenho o direito de prolongar assim o intervalo das filmagens.

“Gostaria de um saleiro”, explico, simplório e pacato.

A produção resolve providenciar, depois arrasta-me pelo corredor, instada pelos registros defectivos da justiça comum. Saciar meu desejo é uma forma explícita de indicição. Mas não têm a placa, meu nome, apenas acusam-me de ter tocado com a ponta dos dedos as extremidades do fio compulsório, de haver desejado embaralhar tudo. Fodam-se. Solto então os freios da casa, a mariposa estremece, as asas da avenca chacoalham e o fruto

maduro espatifa-se contra o soalho. Ficamos eu e Isabel, perdidos em uma nuvem de horas desencontradas.

em uma nuvem de horas desencontradas. A mariposa alça vôo, vestida de folhas, intrigada com o pulsar de sua própria seiva, repentinamente telúrica. As asas se estendem de infinito a infinito, arrepanhando a possível memória, a poalha sobre os móveis arcaicos, as sobras dos copos após a festa, o cão farejando o obediente assentamento das pedras sobre a flora, o falso sentimento gregário que toda casa empresta aos que estão do lado de fora, a insignificância das coisas que adornam o fastio das horas, a mariposa carrega todo o fruto dessa sonolência, agora perde-se no céu, ponto inquisidor irreconhecível, além de toda imortalidade, metafísica na indiferença com que se dessemelha do destino exato, tornando nosso olhar uma absurda reflexão e obrigatório nosso sentimento de dependência. Abaixo os olhos à minha dimensão, Isabel do outro lado da rua, transfixada na paisagem imprecisa, vestida de folhas, sob um lençol de água, o rosto de Isabel copiando o primeiro impulso do corpo, que arremete pelos espaços para não recordar que antes de tudo houve um projeto de peregrinação

minucioso, com mapas cuidadosamente preparados, sobre o peito o emblema da aeronave -- sua índole.

e a imagem que se deseja absorvida pela consciência alheia, e o anúncio da partida, e toda pueril iniciação que se precisa demarcar bem

dentre todos os lugares do mundo, aquele, preciso, da partida, e dentre todas as promessas, todas do mundo, aquela que, mais do que o decurso da viagem, gratifica pela exatidão com que os instrumentos insinuam a chegada em outro lugar.

naquele exato momento do devaneio e do sonho -- o rosto de Isabel, que não se deixa entrever, contraído à submissão, à impostura momentânea que um rosto adquire quando procura transformar a nave que nos carrega em maquinaria consciente, determinada por uma rota fatal. A mariposa.

A mariposa não é isso, fim em si, não traz um objetivo seguro a oferecer que governe estados transitórios de ação, que avalie os elementos intermediários. Aciona-se a si mesma, desaparece no horizonte da nossa visão porque é a forma mais pura, acabada e eterna do desejo de partir, alçar-se sempre -- Isabel estagnada sob a chuva. Perde as asas, virtualidades. Encontra talvez meus olhos, minha sombra, imprecisa, também. Sombra tocada pelos elementos, e pelo que neles subsiste de repulsa e impossibilidade. Se a pudesse ver, se a pudesse tocar, atravessar meus dedos para além da fixação definitiva, tocar seu brilho visceral, diria que a casa se foi para endereço desconhecido. Restam-nos as nuvens, os telhados dos casebres, o temor dos claustros e a impessoalidade das autarquias, resta-nos o sal grosso que estanca o sangue, seu fluxo, sobre a carnadura -- e o estado alarmante de um feto animal ou vegetal que não pode historiar a aventura de seu crescimento. Estou, Isabel, a implorar a esse chão que se submeta de uma vez por todas, que

desabe a última fileira de tijolos dos muros, e que no grosso caldeamento das coisas inanimadas

para amplificarmos nossa voz sem sonoridade e nos aninharmos para lá das formas do desafeto. Mas é quase impossível. Ficarei constipado sob o aguaceiro, palmilharei a escuridão e tão somente colherei a imaterialidade da chuva, que diz todos os enredos, mas que a ninguém se dirige, daí seu estado radical de comunicar-se. No entanto,

alastro-me, desdobro-me e multiplico-me. Em sinal de desobediência. Dependuro-me nos fios de eletricidade, no tombadilho de algum barco do planeta, estiro-me sobre o chão: um cão vem lambe-me o nariz, as maçãs do rosto, os lábios secos. Estou com as unhas a arranhar os caules e a experimentar a couraça dos crustáceos, estou a cavoucar a terra em busca de sua variedade mineral -- estou com sede -- e dos alicerces da casa, onde foram esquecidos os alimentos. Distendo-me por toda parte e especialmente sobre a propriedade. As pessoas olham desconfiadas das construções e mausoléus. Sob a terra fofa encontro apenas uma recordação equivocada das dimensões dos cômodos. Sob as águas que ameaçam o barco, apenas a vertigem. E sob os pés, por baixo dos caules, uma mina de água, intocada e limpa: espelho rompido emoldurando seu rosto turbilhonado pelo corcovear da mina. Tudo vaporoso e abalado. Cardíaco, tanto, que fui forçado a reinventar tudo: pedra sobre pedra, já o musgo. O ritmo das vagas sob o casco, os muros e paredões coesos, o alpendre da casa em desalinho. A janela sob a luz angular da noite, a avenca crescendo por entre os tijolos, as lamparinas devassando a identidade dos cantos, o gato a contemplar a tigela de leite revirada. Reinvento, mesmo, todo o medo necessário, e os idiomas incompreensíveis, de que se faz uso

quando o exercício de transmitir uma mensagem é mais importante
-- sinaleiro sobre a ponta da ilha -- que a essência do apelo.

A chuva cessa, a mina recobra a opacidade, a energia esfria nos filamentos, desaparece a afeição do cão, a memória renitente das devastações. Apenas a verdade chapinhando sobre as coisas alcalinas, e a sonolência do musgo, sua precocidade.

Os valos transbordantes de água, arrepiados pela epiderme de algum deus, e as chaves e as horas

as estrelas pousam sua atenção sobre a terra que trescala uma lavanda doce e intensa. A um chamado do guarda, afasto-me da janela, arrasto-me pelo corredor. Curtas estocadas à altura das costelas, para que não esmoreça pelo caminho. Os motivos de sua nação diversos dos meus:

“gostaria de um saleiro”

“irá receber o seu”

“o sujeito da cela vizinha já ganhou o dele”

“irá ganhar um, também”

“com meu nome escrito, para evitar enganos”

“com o nome”

“Que culpa tenho eu?”, pergunto.

“Foi declarado culpado pela destruição da casa”

“Não fui eu, foi a avenca”

“Não foi”

“Então foi a mariposa”

“A mariposa é sua. E a avenca também. tanto faz se foi uma ou outra”

“Deviam prender a mariposa. Asas, porque te quero”

“É bicho, não pode”

“Por que não pode?”

“É a lei”

A lei prevaleceu, mas ganhei o saleiro. Estamos quase ao final do corredor. O prato de comida amarrado ao pescoço:

“Minha prisão é assunto de morte, não de destruição”, alego antes de retirar a colher do bolso.

“Soltou a mariposa, não devia. É a sua culpa”

O mais importante ficara intacto: o armário. O guarda testemunhou a casa destruída, mas não examinou os pequenos engates e pinos que põem o armário no curso inarredável de suas funções. Na madeira, os motivos entranhados, as alegações. Pois todo vegetal carrega consigo um olor da terra onde cresceu, esse cheiro que fica após a estação das águas,

ainda falarei da estação das águas

cheiro intenso, mais forte que todas as resinas do marceneiro.

“Não examinou o armário. Não cheirou”, digo-lhe.

“A partir de agora tem o direito de usar o saleiro nas refeições”, deixando que o assunto se desvie da estrada principal de minha liberdade.

“Vou jogar sal sobre a terra. Para que nada cresça ou apareça”

“Faça como quiser, desde que não quebre o saleiro: propriedade do município, que por sua vez é propriedade do Estado, que por sua

vez é propriedade da Federação, que por sua vez” reporta a um imenso conglomerado financeiro.

“E de quem é o sal?”

“O sal é seu: a cota. Se gastar demais, fica sem o gosto”

“Recuo, então, deixando um pedaço de chão sem a poalha de sal. Pequeno quadrado que transformarei em herbário. Nele vicejarão espécies domesticáveis. Um luminoso advertirá os incautos:

‘Não faça isso’

farei crescer uma espécie de guarda que nasça com pequenos cassetetes no lugar dos dedos, uma voz de sirene, peito à prova de bala. No lugar dos cabelos, uma carapaça com chifres medonhos, luzinhas nas pontas, piscando. Vamos, ria. Enquanto conto laboriosamente os grãos a ver se sofrerei com o racionamento de sal. Mas o guarda não permite tais cacoetes. Quer que eu termine de comer junto com os demais.

“Mas não há ninguém com tanto apetite quanto eu”

“A cada um, de acordo com nossas ansiedades”, ele retruca, esvaziando meu prato na lixeira.

“Isabel ainda não comeu a sobremesa. Meus direitos”

“Ela não quis”

“Ainda vejo criminosos palitando os dentes tranqüilamente”

“Se palitam, é porque já tiveram a oportunidade de se saciar”

“Se palitam, é porque querem mais do que tiveram”, respondo, defendendo meu ponto de vista.

“Todos podem palitar fora das refeições, a lei não coíbe”

“Isabel poderia ter desejado a sobremesa”

“Ela não quis, está registrado no livro do refeitório.

Retardatário. O guarda espera que eu calce as alpercatas.

“Já vou”, as alpercatas não entram:

“É melhor não me esperar”

O cheiro de comida não se dissipa quando os panelões são conduzidos pela porta da cozinha. Infelizmente as alpercatas acabam cedendo. O guarda me põe de pé -- em marcha.

Vou caminhando com a ponta do nariz voltada para a entrada da cozinha. O guarda e eu desaparecemos no corredor, o odor de comida não me atiça mais as entranhas.

No trajeto sou espicaçado: o auriverde pendão em riste - atravessamos a última guarita. Alguns passos depois estamos defronte o terreno baldio onde outrora a casa.

“A mariposa ainda está a voar”

O policial crava a bandeira no meio do terreno.

“Se ela não voltar ao entardecer, para a prisão de novo”, ele adverte.

“Não é ela, logo ali?”, aponto para o firmamento rosado.

O policial ergue a cabeça e escande os espaços. Aproveito para fugir.

a *Sinfonietta* de Janácêk em meu encalço. Os largos clarins libertários. Janácêk nomeou os movimentos: *Fanfarras*, *O Castelo*, *O Mosteiro da Rainha*, *A Rua* e *A Prefeitura*. Com a ponta dos dedos levanto as abas da casaca do compositor, apalpo seu estômago sentindo suas contrações: o órgão reproduz de modo idêntico - mas de trás para frente -- os movimentos da *Sinfonietta*. Com os ouvidos atentos, capto o quinto movimento, depois o quarto, o terceiro, mergulhando em um silêncio constrangedor ao término do primeiro -- aliás, início dele. Abaixo as roupas do artista

e subo em cima do muro -- deparo alguém no alpendre da casa, que ao me ver desce as escadas e abre o portão.

“A entrada é esta”, o sujeito diz, apontando para o espaço do portal, e fazendo uma espécie de mesura.

“Antonio Vidal, muito prazer”, diz, estendendo-me a mão e a deixando no ar à espera que me decida entre terminar de saltar o muro, entrando pelo jardim, e desistir da peripécia, passando normalmente pelo portal.

Desço do muro pelo lado do jardim, Antonio Vidal vira-se, ainda com a mão estendida:

“Antonio Vidal, muito prazer”

“Eu sei, li seu nome na placa ao lado da campainha”

Repito:

“Antonio Vidal, com o coração na boca após a evasão do presídio.

“Estou ouvindo um concerto de Janácêk, gosta?”

“De trás para frente”, respondo, mostrando a barriga do compositor.

Antonio Vidal se limita a me introduzir em seu ambiente. Sentamos em duas cadeiras. A primeira nota do primeiro movimento desaparece no ar -- apenas se ouve o respirar atento da orquestra, antes dos três toques da batuta, e os passos curtos e firmes do maestro sobre o praticável.

“Agora ouça com atenção”

“Os músicos vestindo os fraques?”, pergunto.

“Exatamente”

O cetim roçaga as camisas, a ala de trompas e violinos enxuga as mãos depois de exercitar seus instrumentos, o teatro boceja de sono, um som cavo emerge de suas cloacas, as cortinas do *foyer* rumorejam ao serem descerradas, um som esganiçado vem das

proximidades da rua quando as portas do saguão são abertas - e uma multiplicidade de notas, com destaque para aquelas advindas do sótão, onde laboriosos ratos fazem sua parte. Depois, nada se ouve, o concerto termina e o provável público é surpreendido ainda em suas casas, colhendo os abalizados comentários de algum jornal.

“Idiotas, não acha? “, fala Antonio Vidal ao distinguir, ao longe, um roncar de motores se afastando.

“Ninguém vem ouvir Janácêk”, digo, agastado, enquanto a agulha da vitrola retransmite um ciclo perpétuo.

Olho pela janela, o largo parece plamado à vidraça, resfolegando no mesmo ritmo e compasso dos chiados da vitrola.

“Que folego ela tem”

“Enquanto houver eletricidade”, diz Antonio Vidal.

Procuo acompanhar a parte do concerto que Janácêk não planejou ou escreveu: ssschtuk, ssschtuk, ssschtuk - bato com a palma das mãos sobre as coxas, elaborando algumas variações jazzísticas. Antonio Vidal desconfia de climas africanos:

“Não me venha com coisas do gênero agulhas devassas, ou outras alusões descarnadas”, ele adverte como se estivesse a ler meus pensamentos.

“Sim, foi o que eu disse”

“Disse o quê?”

“Que você não me venha com coisas do tipo agulhas devassas, ou outras alusões descarnadas”

“A idéia da fala pode ser sua, mas a ênfase é toda minha”, se defende, contra-atacando.

Eu o interpelo:

“Está escrito, e embora o que foi lido não é o que se lê, o que está escrito pode ser o que se lê, comentário no qual mal posso

vislumbrar algum significado, mas ao qual me agarro com unhas e dentes.

Antonio Vidal recua, não porque esperasse um momento propício para nova investida: momentos propícios são meras ilusões de ótica - ou de acústica, como é o caso.

Mas ele se municia bem: espera que eu erre.

“O que se escreve pode ser o que não se lê, daí escrever-se um pouco de tudo”, sentencio, examinando o estrago que fiz com as palavras.

“O que se escreve pode ser o que não se lê, daí escrever-se para assim se ler”, brilham os olhos de Antonio Vidal, inapelavelmente vitorioso.

Retiro as mãos das coxas e esfrego os olhos, borrando toda a pintura do rosto, cuidadosamente aplicada para disfarçar as brotoejas e todos os traços morais que fazem de alguém um perdedor. Não me preocupo em retocar a maquiagem, que o rosto fique com a expressão que agita meu corpo, as delicadas varizes à flor da pele, a têmpora amarelecida, toda a miopia própria de um incansável investigador. Então, desmonto novamente a frase, e abro mão do exagerado respeito pelas palavras -- deixo para os antigos sua veneração e falsa pompa. Escarnecendo, retruco:

“O que se lê pode ser o que não se escreve, daí ler-se para assim escrever-se”

“Está bem, vou desligar a vitrola”, respondeu ele.

Enquanto ele se ocupa com novas armas, retiro o espelhinho e a maquiagem do bolso do casaco, disfarçando minhas vicissitudes, pronto para receber o prêmio. Antonio Vidal desopila:

“Muito me alegraria se você me chamasse pelo segundo nome: Vidal. Assim eu poderia chamá-lo de Antonio, sabendo-se sempre, em qualquer ocasião, quem é quem”

“Tanto faz”, pensei um segundo:

“Eu concordo. Por que não haveria de concordar? Mas faço uma exigência”

Vidal abaixou os olhos. Eu continuei:

“Eu concordo, desde que de agora em diante nomeemos as demais coisas pelos nomes que as coisas nos dizem -- a nós e a toda gente. De forma a sabermos sempre, em qualquer situação, o que é o quê, escrupulosamente”

“Claro, claro, Antonio. Mas com uma exigência”

“Qual?”

“Que seja reservado a cada um o direito de escolher o lugar e a hora em que as coisas enunciadas serão postas”

“Então, que seja também reservado, a cada um, o direito de escolher o lugar e a hora em que as coisas postas serão enunciadas”, asseverei.

“Dá no mesmo. Dependendo do bicho -- pega-se pelas orelhas, ou pelo rabo”, retruca Vidal.

Resolveu dar por encerrado:

“É, Antonio, assim fica bem. Fica bem, sim. Não acha?”

“Acho. Vamos caçar, então”

4

Fomos caçar. Recolhemos, para tanto, os pertences e os gestos arcaicos dos que povoaram este lado do rio. Caminhamos alguns metros pela margem, no céu se vislumbrava um pólem amarelo forte, como uma esteira de algum cometa, ou arco-íris envergonhado de haver esbanjado as demais cores.

“Era a minha mariposa”, falei.

“Aí está nossa caça”, entusiasmou-se Vidal.

Sedentários, tomamos um táxi e fomos ao encontro do cabeço do asteróide -- que se desprendia das nuvens convergindo quase perpendicularmente para algum ponto, provavelmente nas proximidades do largo. Mandamos o chofer correr, enquanto isso, aproveitamos o tempo para escovar as culatras e os canos das armas.

“Não sei se quero acertá-la”, me expandi.

“Quem vai dar o tiro fatal serei eu”, redarguiu o sádico caçador.

Vidal ordenou que o carro parasse junto ao largo. A mariposa não estivera ali, contava-nos o imutável cenário da praça. De que modo, então, desabara de sua rota, largando um evidente itinerário sobre o fundo azul?

“Pista falsa”, farejou.

“Eu acho que não”, falei:

“A mariposa não tem mais orgulho de sua viagem. A emoção do vôo não foi capaz de reter o pólen denso no limite da rarefação do ar que respiramos”, concluí.

“Despenhou, então”, concorda Vidal.

“Sim, mas não sabemos onde. A esteira não é uma pista do animal. Seu caráter atual, somente”

“Uhn”, -- Vidal.

Tomamos um outro táxi e voltamos para as margens do rio.

“De quem serão as terras do outro lado?”, pergunto.

“De ninguém. A civilização termina logo aí, onde você está com os pés”

“Aqui?”, pergunto, perscrutando as pegadas inaugurais de minhas botinas sobre o barro.

“A mariposa deve ter ido para a terra de ninguém, curar-se das feridas, ou esconder-se de toda esta estúpida modernidade”

Minhas botinas. Continuo a examiná-las, sentindo uma vontade crescente de dar mais um passo para além destas raízes e não me somar mais.

“Se eu desse mais um passinho, Vidal. Hein?”

“Não pense que conseguirá escapar. Se der mais um passo, só fará alargar os limites, o que nos obrigará a historiar o feito, em detalhes, ao serviço de fronteiras”

“Lembra-se de quando o ajudei a escapar pela cerca da cidade? Eu carregava sua pilha de jornais, até que demos com aquela placa ‘SAI FORA’ -- e você obedeceu, tomou o primeiro trem na gare e partiu. Lembra?”

“Não me venha com literaturas, Antonio. O fato concreto é que de nada adiantará você dar esse passinho. Além do que, viemos para acertar a mariposa, não para reavaliar nossa cultura”, Vidal enfia o cartucho de pólvora na arma.

“Mas, Vidal, você ainda não percebeu?”, digo subitamente iluminado.

“Afaste-se, vou testar a arma. Você está vendo aquela latinha, ali?”

“Vidal, você não percebeu que não podemos ver a mariposa, justamente porque estamos no estômago dela?”

“Jonas e a baleia, muito bem, Antonio. Literaturas outra vez. Afaste-se”, e deu o primeiro tiro.

“Acertei. Desemborca a lata, vamos”

“Você não quer me ouvir, Vidal”

“Desemborca a latinha, já disse”

Desisti de o ficar vendo despedaçar, a um palmo da mira, a armação de flandres. Acenei para o primeiro táxi que passou. Da janela do carro, ainda gritei:

“Economiza a pólvora, Vidal”

De nada adiantou. O último cartucho que trouxera pulverizou o que sobrara da lata, restando a Vidal chutar os arbustos que cresciam à margem do rio. Pelo caminho, fui refletindo sobre o método de se fazer as coisas. Se realmente Vidal queria abater a mariposa, que ferisse suas janelas com a coronha do rifle, que atacasse a golpes de baioneta a ardósia do telhado. Na porta da casa, disse ao chofer que desse meia-volta e que cobrasse de Vidal o dinheiro da corrida. Ele era o caçador. Devia pagar por isso.

Decidi passar o resto do tempo jogando cartas com Isabel. Cartas marcadas para deleite. Até que Vidal chegasse e colocasse o concerto de Janácêk novamente na vitrola. Assim ele não se sentiria segregado do duelo, e daria chance a Isabel de desdobrar o novelo de sua inextinguível curiosidade -- para além de toda música e de toda perversidade: Vidal e eu. Isabel necessita de tais contrastes para se sentir convenientemente povoada.

“Seu novo amigo, então”, ela diria, sabendo que o novo caçador é exatamente da mesma matéria que *o outro*.

“Sim, encontramos-nos à saída do presídio”, deve agradecer-lhe o equívoco premeditado.

Mas a mim, não:

“Está bem, eu já o havia visto antes. Foi naquela vez em que o pacote com os jornais, junto ao desfiladeiro, saltaríamos a cerca noite alta, quando todos já dormiam. Quase ao alcance da mão o mundo irreal, de passageiros nervosos, carregadores deslizando pela gare, o lufa-lufa do convés”

“Era uma estação de trem”, ela corrige.

“Pois bem, uma estação de trem, mas além daquela órbita, após o primeiro túnel, o farol apontando do meio do oceano para todas as rotas imagináveis. O convés em festa, os corpos alegres, bolinando, as luzes do barco semeando um céu vertiginoso, os motores à toda força, as hélices, duas duas -- me escapa o fôlego -- duas de cada lado do avião, eu nunca havia subido em um. Nem Vidal.

“O que havia na gare, além dos passageiros e carregadores?”

“Havia uma fabulosa expectativa, feita de uma deflagração de beijos, feita de uma dança de lenços brancos, e tudo se dando acima das nuvens, acima de todos os relevos”

“Sim, mas e além do túnel, do farol, os corpos se bolinando”

“acima de todas as possibilidades, a força concentrada do pequeno avião, das janelas não se via a terra, e subia-se sempre, imoralmente”

“E os corpos, o que faziam os corpos no convés enquanto o mundo girava no ritmo das hélices?”

“, subia-se sempre, acima de todas as gerações, eu não poderia deixar Vidal partir sozinho, para o chamamento de deuses subitamente maiores, eu nunca soubera o que um avião era capaz de fazer na alma dos gulosos, eu”

“Sim, entendo, não parava de subir, mas subia sempre? Até quando?”

“eu, eu via-me atravessando as farpas da cerca, agarrado aos jornais, o corpo fincado sobre o talude, o rosto travado pela relva, os pés escarvando a terra -- para atravessar e subir, pôr-me de pé, e dar-lhe adeus do extremo da gare, e cegar-me para adiante de todas as injunções”

“E o avião, o chamamento dos deuses, o avião subindo sempre?”

“Até a última luz, adormecendo depois no convés, sem assédio algum, em seguida mergulhar no interior do túnel, deixando o farol para trás, já de manhã, e o chefe do carro abrindo a porta da cabine a meio, pedindo-me a passagem, pois o trem iria encostar dentro em pouco”

“E a cerca, o pacote de jornais, os pés escarvando a terra?”

“O pacote com os jornais, junto ao desfiladeiro, saltaríamos a barricada noite alta, quando todos já dormiam. Quase ao alcance das mãos o nítido mundo irreal, a concreta presença de toda a nulidade, entreguei os jornais ao chefe do carro, Vidal subiu no trem, acenou. Parecia querer dizer adeus, ou até logo, o impulso da locomotiva contaminando toda a terra à volta”

“E o encontro à saída do presídio?”

”Janácêk corria sem olhar para trás, com todos os seus movimentos debaixo do sobretudo, no volume do estômago, o guarda cravando a bandeira de espaço a espaço, atleticamente. Até que, não podendo reter mais as folhas encharcadas de balões vermelhos, deixou-as escapar -- os fólhos emersos de todas as precauções, sob o céu de inverno, as notas dispersas boiando em sua estonteante concretude de pedra, densas e impermeáveis para a alma do guarda”

“Onde Vidal”

“Vidal corria a seu lado, distribuindo tais panfletos, depois que se certificou do que eram capazes”

“E a bandeira cravada no terreno, onde outrora um território ensolarado?”

“, o guarda estático, inarredável de seu ofício, a lança plantada ao lado da mina d’água, toda a purulência do líquido comprometendo a investida da lança, a ligadura do metal, os calores do monjolo”

“E as propriedades da fuga?”

“, pois sob seu ritmo de horas calmas, o monjolo compassava, ramificando-se no intempestivo espírito de Janácêk, Vidal sabia disso, daí a peça fabricada por suas mãos”

“E os fólhos, encharcados de balões?”

“, a *Sinfonietta*, os diminutos glóbulos de sangue vertidos sobre o cenário que, atrás de uma árvore, gostaria de ter presenciado”

“Corria juntamente com Vidal”

“Certo, éramos três, ou mais, pois havia outros, o presídio em abandono, o refeitório vazio, os saleiros com os nomes, a cota”

“Só um guarda para perseguir a todos?”

“, um só guarda, com a bandeira, o ufanismo, o código de leis, as condecorações, o fastio das regras, pleno de silêncio atrás da

melodia vigorosamente desfolhada, escrita sobre os muros pichados apressadamente”

“E o guarda?”

“, recalcado na vontade ausente, quando o submetermos à nossa música, o instalaremos entre as clematites e as buvárdias, no jardim, ou junto ao alpendre”

“Foi nessa hora que Vidal se evadiu?”

“Não sem antes contemplar o monjolo, o resultado da tarefa”

“E para onde foram depois?”

“Para lá dos gradis da ferrovia, saltamos o tabique, fizemos passar os jornais, atirando-os por cima de nossas cabeças, até despencarmos na alfombra, o hálito do policial emanando de toda a vastidão do relvado”

“ “

“, ervas daninhas espalhando-se nas direções dos pontos cardeais, assolando o campo, e Janácêk no relvado, sentiu náuseas e rasgou a última folha que restara de sua composição, ouviu-se naquele instante os músicos despindo suas casacas, suas pantufas, e o ínfimo som do porejamento de suor nas têmporas, e também ratos paralisados no sótão, suspirando fundamente, e inefáveis ecos de alguma infância esquecida debaixo de rugas, e por fim a cristalização de toda sonoridade abalando sobre as cabeças até a completa surdez”

“ “

“ “

“ “

“ “

“Às favas, Antonio. Onde e quando o encontro com Vidal?”

“Pois não disse?”

Seu nome escrito na placa da casa, ele veio abrir a porta, muito prazer, até a última luz, o avião cessou de subir, disse-lhe que não poderíamos sair do estômago da mariposa, nem a música sair do estômago de Janácêk, Vidal gastou toda a pólvora, Janácêk todos os movimentos, auxiliei Vidal com os jornais, apenas. Eu não poderia pisar fora dos limites da civilização, isto me desanimou, ele continuou a dar tiros na latinha, o táxi nos deixou na última possibilidade conhecida, a mariposa estivera ali, todos já resvalamos, ao menos uma vez na vida, na última possibilidade conhecida, a mariposa, no entanto, voltou ao ponto de partida, fomos à sua procura, ouvia-se apenas a agulha da vitrola soltando fagulhas da etiqueta, pensamos que o equipamento se danificara, mas era apenas o extremo da lâmina de Janácêk sobre a pedra, apenas o lado obscuro e grato do compositor palpitando em brancas irradiações, por conseguinte as horas mais calmas se despegaram da cela e demo-nos conta de que era noite, uma noite funda, o homem da guarita ressonava sob o capacete e sob todas as investidas, indisfarçadamente. Vidal chegou antes em casa, viu o guarda estaqueando a bandeira no jardim, o mastro, foi o tempo suficiente para me passar os jornais pelo vitrô da cozinha e escapular, enquanto o guarda olhava o céu através do baixo muro que fica a oeste da casa, junto ao alpendre, optei pelo portão, de modo que o guarda não sabia que direção tomar, Vidal disse simplesmente muito prazer, o que haveria de dizer no momento em que inadvertidamente galguei os muros de sua propriedade?

“Poderia tê-lo expulsado”, falou Isabel.

“Mas não o fez”, respondi, antes de mergulhar seu ceticismo no formol.

A Levedura dos Corpos

Então coloquei a tampa sobre o garrafão, os olhos de Isabel, bolas de gude, flutuando no rosto. Seu silêncio: puro prazer em minhas mãos.

O inalterável equilíbrio do corpo no interior do líquido dava-me energia suficiente para reter, entre os dedos, todo o descabimento das horas vazias. Ajustes súbitos da massa física dentro do frasco chegavam apenas a instar-me à curiosidade, não provocando outro tipo de intervenção na realidade.

Vidal, por sua vez, estremeceu no berço, rolou para fora da grade e veio de gatinhas examinar o aquário. Não iria sentir o que eu sentia, mas de todo modo me alegrava vê-lo dar voltas em torno da garrafa. A bolha. Ele a tocava com seu rosto rosado: a frialdade do vidro. Por vezes imitava a carantonha da morta, o que me fazia

rir, na falta de outros prazeres. Com o passar do tempo -- eu conjecturava -- o arroxeadado da pele de Isabel ornaria mais e melhores folguedos, o que daria ao pequeno Vidal a impressão de que o peixe humano prendia a respiração no intuito de satisfazer seus caprichos. Em resposta, a criança desenvolveria habilidades no trato com o peixe, aprenderia a fazer as bochechas inflarem como um fole, assim simulando as deformidades próprias da morte. É uma pena que a emulsão em que Isabel está agora mergulhada se acinzentará com o passar do tempo, e que a mulher-peixe perderá ao longo do processo suas propriedades caricaturais, vindo a tornar-se uma massa desabitada de forma, nada servindo para o entretenimento de Vidal.

Levei Vidal a conhecer o aquário da cidade, com milhares de réplicas dos espécimes marítimos, todos imóveis em suas prisões de plástico. Quando voltamos para casa, Vidal estancou à entrada do quarto sob o impacto da evidência aquática de Isabel. Que peixe, então, de onde espécie tão incongruente: tragicamente parecida com os humanos e, no entanto, estampado no corpo o rosto obstinado.

Repus a chupeta em sua boca -- difícil explicar a transitoriedade das coisas: se Isabel, no princípio de sua decomposição ininterrupta, era um conjunto de possibilidades múltiplas, deixava, doravante, um vazio duro de preencher como peixe a que não mais haveria de se parecer.

Numa tarde, surpreendi Vidal levantando a tampa do recipiente. Percebi que os divertimentos com Isabel se haviam esgotado na medida em que a complexa realidade dos peixes se instalara, de alguma forma, em seu cérebro, tornando excessivamente acanhadas

toda sorte de tentativas para sustentar a fantasia como capítulo superveniente ao conhecimento objetivo. Assim é que seus interesses tomaram novo rumo, a realidade traiu o encantamento e o brinquedo passou a utensílio doméstico.

Retirei a tampa das mãos de Vidal, recolocando-a no lugar. De imediato ele se sentiu acusado de procurar emancipar Isabel de seu recanto. Como explicar-lhe que era tarde demais para modificarmos nossas tradições, pondo um paradeiro a toda a significação que a mulher produz quando vista por um homem através de um vidro transparente?

Depois, em busca de uma conciliação, ajudei-o a espalhar alimento na água do vaso, ficamos a observar a água turbida, o delicado fundo do garrafão, depositário de uma ânsia de viagens oceânicas: Isabel -- os pés em curtos batimentos -- executando alguma prática náutica. Nadando à volta dos arrecifes sem reprimir o vigor dos braços e das nádegas, desaparecendo em locas para ressurgir além, ancorada em algum porto de marinheiros submersos, as saias enfunadas em rodopio, as castanholas estalando entre os dedos, os imensos brincos cintilando na orla do rosto obscuro e livre -- introduzindo o império feminino na casa para assim alimentar nossos diferentes percursos, com sua sexualidade bastante para ambos, mas nunca divisível na concepção de cada um de nós.

Onde, me perguntei, sua ineludível morte, sua estampa sugerindo a descoberta de águas intocadas? Os olhinhos de Vidal brilhavam em órbitas incansáveis -- seu corpo tão pouco visitado sob a mantilha infantil, mas por isso mesmo mais versátil e afeito a novas sensações.

Eu? Arrastava-me lentamente em toda cruel arqueologia dos meus anos, me perguntando, tardiamente, por que Vidal largara a chupeta,

e logo um buço promissor marcava presença nas fotos, ele já partilhando comigo de segredos que há até bem pouco tempo eram desconhecidos também para mim. Tudo isso dificultava minha compreensão dos fatos, erigindo dúvidas intransponíveis sobre o nada que os atos desprovidos de substância revelam. Assim, ao vê-lo aninhar-se no farto colo de Isabel, ficava supliciado com os intermináveis jogos de possibilidades: em um instante, uma criança, seus recursos muito bem proporcionados à idade, manifestando o prazer de quem, temeroso da fragilidade de seu organismo, permuta com outro mais bem formado, sua precaridade de ser. Em outro instante, Vidal é que tem Isabel nos braços, são então seres de igual desenvolvimento -- ela exercendo seu papel de fêmea, ele tragando seu corpo e seus odores, construindo com Isabel uma espécie de história biológica e me deixando à margem.

Em outros instantes, ainda, sinto Isabel tão entregue que não posso suportar a competência de Vidal ao trocar-lhe as fraldas como se nada mais de grave houvesse no mundo. Fico a socar os travesseiros em uma arrumação infundável das idéias, enquanto ouço o ronronar de Isabel, que prenuncia a multiplicidade de prazeres de que ela já é capaz. Vidal dá algumas voltas com ela em torno do tapete do quarto, predispondo, imagino, a criança para longas jornadas. Depois, quando ela já dormiu, fica a contemplar-lhe as feições, mal suportando a hipótese de se apartar dela.

O inverso é igualmente verdadeiro: Isabel, em certas noites, escapole do aquário, livra-se das algas, dos marinheiros e do rumor dos portos, enxuga-se e toca com o púbis o engradado em que Vidal dorme, permanece ali, imóvel, durante horas, até que canso de lhe exigir o regresso às águas escuras do garrafão. Digo-lhe que Vidal está crescido, e que seus suspiros fundos não me deixam dormir. Por fim suplico-lhe para deixar o adolescente em paz.

Quando o dia se infiltra pela veneziana, com suas lentes de aumento que esfumam os presságios da noite, ainda estou na cama, mas a luta com o sono cede lugar a uma agradável modorra. Assim consigo dormir placidamente algumas horas, abatendo com certos bocejos os primeiros fatos matinais.

Finalmente acordo, Vidal e Isabel já fizeram o desjejum, e já estão famintos outra vez. Abro os olhos sem vontade e sou de imediato afrontado pelos folguedos: Vidal e Isabel alternando as sessões de natação no aquário com as estrepolias no berço. Ou então é Isabel, simulando o ar compenetrado com que Vidal escarafuncha a penugem rala do queixo, ou é Vidal, imitando a largueza de movimentos de Isabel sob a água - ou é outra vez Isabel fabricando sucções onomatopaicas com a chupeta de Vidal. Ou, ao contrário, é ele, o rosto fantasmagórico, a rosnar, mordiscando num misto de dragonete e belzebu as profundas gordurinhas da região glútea de Isabel.

Sinto-me então interdito e sem vitalidade, gostaria de trazer de volta Janáčêk, mas a vitrola está tomada pela voz de Billie Holiday, com *My Man*, de Pollack e Yvain -- piano tátil, aglutinador. Logo, como um véu se desprendendo das laterais do palco, uma concreta sonoridade se alastra seccionando e submergindo Isabel e Vidal até que suas presenças se dissipam, encerrando toda sorte de conhecimento no exíguo espaço existente entre meus olhos e minhas pálpebras. Pressiono-as duramente com a ponta dos dedos,

todos os degraus da dor e das sensações, até que se distende pelo corpo todo.

“Você sorri, Antonio”, diz Isabel soltando bolhas pela boca de dentro do garrafão.

“Não, até que eu consinta inteiramente”, retruco.

Abro novamente os olhos, a criança dorme sem grandes manifestações.

Não fossem alguns raros instantes em que Isabel monologa do aquário e Vidal reclama minha atenção, poderia dizer que estou inteiramente só nesta casa, tendo por única companhia as paredes, os movimentos do estômago de Janácêk e os meus papéis -- mantidos no arquivo, com sua secreta nomenclatura.

Antes de mergulhar seu ceticismo imenso no formol, ainda me dispus a catar algumas migalhas de discernimento que sobraram da noite anterior. Com apuro retirei dos pratos engordurados as asas do frango e juntei algumas côdeas de pão. Transformando a matéria bruta em aeronave.

Isabel resolveu interceptar meu sonho infantil:

“Não acatou minha história”, disse com rancor, obrigando-me a pensar que o ritmo dos fatos por vezes dificulta o caminho da

verdade. De qualquer modo, a culpa não era minha e sim da apreensão nem sempre matemática do mundo exterior.

“O que continham os jornais que seu amigo levava na fuga?”, perguntou.

“Eram somente jornais, e velhos recortes, tudo enfim que Vidal pôde coletar sobre os prenúncios do fim do mundo, assunto que sempre o interessou. Além disso, suponho, retalhos de revoluções -- alguma bala perdida no campo de batalha, notícias sobre hordas invasoras, reis depostos, o tratado de Tordesilhas, coisas assim” que constituíam o acervo de Vidal, e contra o qual por vezes deblaterava, mal suportando que o mundo evidentemente terminara e que, embora até o mais ignorante dos humanos não tivesse mais dúvidas a esse respeito, nada foi feito para deter a catástrofe.

“É mentira”, bradou Isabel.

“Não sei. Compre algum jornal e veja você mesma. Os museus mais bem aparelhados vendem jornais. Alguns colecionadores particulares não se importam em vender notícias repetidas, ou mesmo em permutar notícias originais. A onda de nostalgia serve para alguma coisa, sirva-se dela, Isabel”

“Se tanta certeza havia sobre o final do mundo, por que então Vidal não se limitou a esperar como todos, ao invés de se locupletar com documentos tidos e havidos como banais?”, redargüiu, e continuou:

“ninguém se lembra de levar para o túmulo uma cópia do atestado de óbito” -- e sentiu-se levemente sagaz.

“Talvez não levasse mesmo, salvo se tivesse sérias razões para desconfiar do coveiro”, respondi injetado de bom-humor.

Pois fico sempre cheio de amores por mim quando me recordo de que o mundo terminou há já algum tempo - e que os poucos que duvidam disso estão internados em alguma clínica especializada em

deformações de caráter, ou sendo cuidados por parentes e amigos benevolentes.

Desmancho a aeronave e faço bolotinhas com o resto do pão. Escolho a mais redondinha e espeto com um garfo. Isabel diz:

“O fim do mundo não é o assunto. O assunto é você e Vidal: a fuga do presídio”

“O fato é que foi justamente em virtude de o mundo haver terminado que nos foi permitida a saída do presídio, que eu chamei de fuga apenas para que a história soasse mais dramática. No presídio moravam milhares de detentos e outro tanto de guardas, além dos cozinheiros e ajudantes, que faziam a comida para o bando todo. Quando a direção informou-nos por meio de circular que o mundo havia terminado, não nos restou outra alternativa, a não ser arrumar as malas e partir. Como alguns eram mais lerdos do que outros, e não havia mesmo mais razão para pressa, a evasão foi feita da forma mais ordeira possível”

Retomo a bolotinha de pão, faço-a deslizar mansamente sobre o tampo da mesa, cuidando para que não se espatife com o atrito.

“havia um sujeito que ficava na mesma cela que a minha. Chamava-se Debussy. Meu colega, diferentemente de Wagner ou Liszt, recusou os esquemas cíclicos, construindo uma composição de cromos medievais que abalou as perspectivas tonais de então. Diria que era liberalmente tradicional, um conservador vanguardista, um futurista anacrônico passadista, um ante-pro-revolucionário, algo assim. Mas o importante não é isso. O importante é que quando soube que o mundo terminara, ao invés de roer as unhas fez entrar um quarteto de cordas, fazendo-o tocar seu Opus 10. Primeiramente *Animé et très décidé*, depois *Assez vif et bien rythmé*. Em seguida, *Andantino doucement expressif* -- movimento de evasão moderada pelos corredores do castelo -- e

finalmente o último movimento, *Trés modéré* -- quando já estávamos em frente ao muro, Vidal a postos segurando a escada improvisada com panos e o estrado das camas, apenas aguardando que o sol se recolhesse atrás da montanha. Não satisfeito com a primeira apresentação do quarteto, Debussy ordenou que retomassem o primeiro movimento, quando então fomos *bem animados e decididos* galgando os degraus de pano até a altura do passadiço. Considerando que o terreno era irregular do lado de fora dos paredões, resolvemos percorrer o passadiço até encontrarmos o ponto ideal de descida. Abaixo, em alguns locais, o mar esbravejava contra o edifício e ondas altíssimas varriam o saguão de recepção, onde atenciosas secretarias encaminhavam as solicitações dos visitantes o dia todo. Convencionou-se que Debussy e eu iríamos pela galeria até o segundo torreão, de onde atiraríamos nossas cabeleiras ao solo - o que não deixava de ser mais uma inovação/radicalização do compositor, já que se inaugurava, talvez um pouco tarde demais, uma nova e promissora física: desceríamos obedientes, nos conformes da lei da gravidade, sustentados exclusivamente pelos cabelos que por sua vez estariam presos à -- cabeça. Um segundo grupo, formado pelos músicos e Vidal, tomaria a direção inversa: desceria novamente a escada improvisada, invadiria o estabelecimento, simulando um ataque externo. Ali, se deixaria prender e garrotear pelas autoridades vigilantes, após o que seriam expurgados do castelo por falta de acomodações adequadas.

“tudo transcorreu do modo planejado: Vidal e os músicos ‘invadiram’ o presídio, Debussy e eu disparamos pela galeria - mas alguns passos adiante, o compositor estancou, deixando-se ficar

com o queixo sobre a ameia, o corpo em forma de cuia, sonhando com o clarão azulado que antecedeu o fim do mundo e que o inspirou a não compor mais qualquer música. Arrastei a custo Debussy, antes que a guarda medieval nos surpreendesse na dúvida e trouxesse o equivalente da força. Por sorte o sol já mergulhara no horizonte e a noite trazia os augúrios de um recomeço de vida mais decente do que até então - já que um mesmo mundo não se constrói duas vezes. Conciliado com a noite, Debussy atracou-se aos seus delicados cabelos e despenhou em vôo livre, tocando o chão desajeitadamente, mas ileso. Salvo, mas totalmente fora de si, alegando que tencionava ter com uma espécie de tímpano gigante que vislumbrou na queda e que, afirmava, estava assentado exatamente sobre a linha do Equador.

Tive que dissuadi-lo da viagem, mostrando a ele que não dispúnhamos de meios de transporte mais, a não ser um ou outro táxi, e que não poderíamos exigir do motorista uma corrida tão longa. Depois, arrastei-o novamente - desta vez sobre os rochedos dos arredores do castelo, o que não foi tarefa fácil, já que o músico era mais míope que eu”

“E o outro grupo, quando o encontrou?”

“Na casinha, em frente ao largo. Chegamos quase na mesma hora”, respondo, Isabel quase adormecida sobre meu colo:

“O castelo. Também acabou?”

“Não olhei para trás, mas tudo me leva a crer que a construção foi ruindo de forma lenta, ceifada pelo tempo, pela memória de misérias

quando todos já tinham ido embora, os espíritos tomaram conta, eram espíritos prisioneiros, espíritos carcereiros, espíritos diretores, espíritos cozinheiros, espíritos faxineiros, e faziam igualzinho como quando eram vivos, e o castelo se encheu, então, de uma estranha

vida, uma vida sem corpo, apenas sons que traduziam dores e violências, apenas vozes que traduziam uma insatisfação igual a que os antigos moradores do castelo sentiam”

“Então o mundo acabou e não acabou?”

“O mundo acabou, não olhei para trás para ver, mas tudo me leva a crer que o mundo foi ruindo aos poucos, como qualquer mundo em extinção, um dia, quando todos já tinham ido embora do presídio, dei um pontapé nos traseiros rechonchudos de Debussy, acordei Vidal e os músicos e achei que era hora de partir, olhar outra vez a casa com o alpendre, mergulhar o balde de água no poço e beber, olhar o largo, os homens austeros, os vendedores, as imensas filas esperando o cinema abrir, o gato andando morosamente sobre as cimalthas da igreja, ouvir o guarda bater à porta, para esmiuçar as verdades do armário, a câmara de John copiando as características desta casa para assim projetá-la nas telas,

e planejamos nossa fuga quando os espíritos vigilantes estavam distraídos”

“O guarda não viu nada?”

“O guarda limpando o rifle, porque os espíritos também limpam rifles, foi a grande oportunidade, pé-ante-pé chegamos até a guarita. Primeiro passou Vidal, com os jornais que eu lhe entreguei por baixo da cerca. Depois passaram os violinistas, com seus instrumentos à rabeira do tímpano que, como um guache, se delineava no horizonte de nossa visão, depois passei eu, coeso em minhas memórias, último registro do que nos acontecera, até que tomamos um trem, tomamos depois um navio muito bonito e cheio de luzes, tomamos um avião, e depois do túnel chegamos ao largo, em frente de casa, onde o guarda fincou bandeira, em cuja terra

deflorada a água brotou e onde fui obrigado a mandar construir um poço em que”

“O guarda não ficou bravo?”, Isabel pergunta enquanto eu faço caracóis com seus cachos de cabelo.

“Mandei construir um poço, deixei a bandeira, as águas mais solenes, além do que o guarda gostou de se livrar do pendão, largou o uniforme também sobre o lajedo do largo, atirou o cinturão e a arma de fogo sobre a grama que, em tufos, escondia o poço e sua complexidade, o guarda depois acomodou-se na praça, puxou os bigodes dos austeros, passou a mão na bunda das meretrizes, atirou pedras nos vitrais da igreja -- uma delas pulverizou o gato de uma das cimalthas -- xingou as beatas e escarneceu do padreco, desafinou o que pôde, assobiando as composições de Debussy, mas não se deu por achado, mijou na perna do homem do realejo, arrancou toda a roupa e tomou, em pêlo, o primeiro vapor que saía do porto”

“Para onde ia o vapor?”

“Não ia, passava, o guarda queria apenas vencer o limite da barra, olhar a terra, sua sementeira, ver com outra ótica e por outro prisma os contrafortes sobre as ilhas, o mar erguendo os botes no ancoradouro - querendo insinuar uma vontade de expulsão, mas ao mesmo tempo lutando para reter uma fragi-lidade”

“O guarda voltou?”

“Eu não sei. Acho que não havia para onde, seu espírito se embrenhou pelos mares, esqueceu, tão logo pisou a bordo, o desafio da linha da barra, desejou todo o oceano, sua feição finalmente libertada criou sérios problemas para os espíritos navegadores, os espíritos navegadores o depuseram, finalmente, em alguma ilhota, embora alguns pensem que o atiraram no próprio mar -- só sei que no vapor só havia fantasmas, e que até hoje se chama o poço de ‘poço do guarda-marinheiro’”

“O vapor sem ninguém no timão?”

“guarda-marinheiro, o quê?, sim, o vapor voltou sem o guarda, apenas os marujos construindo memórias, e o comandante a postos, as mãos aplacadas sobre o percurso, leves e precisas sobre as ondas, reivindicando para si todo o mistério da aventura,”

“Ficou o barco, só o barco?”, pergunta estremunhando.

“O barco, talvez com os foliões cuidando do leme, apenas as vozes e as luzes conduzindo a festa pela madrugada. Nenhum enredo a tudo comprometer. No fim do mundo, qualquer um, que mal enxergasse o crime cometido, diria que restara de toda a festa apenas uma imensa gosma, mudando de cor, lentamente, como uma côdea de pão rolando sobre um plano imaginário. E assim definiria o estar na infinitude, seus riscos inerentes.

Prefiro pensar nas paredes da casa, no perigoso pulsar de seu corpo limitado ao garrafão, enquanto você dorme em meu colo absolutamente confiante”

Sob o ritmo do barco os cachos de ondas desmanchando a pintura do rosto, as primeiras cores do dia tingidas de uma perspectiva para além de todo espaço e tempo imaginados. No fim do mundo reajustamos nossos relógios íntimos e adornamos nossos dedos de gestos para uma nova inauguração, as mãos no rosto,

cravadas na pele, navegaremos nossos dedos, navegaremos nossas mãos -- o que eu dizia? é tão grave falar do fim do mundo -- nossas mãos, eu sei, são uma aura de silêncio súbito reconciliado, e seremos nossos próprios castelos, o catafalco no centro da sala, a pira eternamente acesa, um lusco-fusco de *gobelins* mal iluminados, ladrilhos aquecidos após o banho, um fartão de refeições exageradas, Debussy sentado na ponta da mesa, os prestimosos banqueiros, a corte do rei, a sopa dos cardeais, a animosidade das redondezas, o marco da descoberta, a caixa de vidrilhos com sua cor apodrecida -- falarei depois dos vidrilhos, minha infância e sua descomunal solidão, - os ornamentos e as baixelas, os animais selváticos, os frutos silvestres e as sombras hieráticas, as gelosias enfarruscadas pelo vento, e nenhum chão além dos olhos coalhados, todos iremos alcançar o largo, falaremos a linguagem das conchas e alguns escreverão memórias, e os testamentos serão mais singelos e o homem mais erudito, pois já pisamos um território sem propriedade e se instalará um amanhã independente de um antes sem qualquer consciência acumulada de um agora, e inauguraremos o fogo, poliremos nossos instrumentos com idêntica dúvida e singeleza, e tocaremos com prazer o umbigo da amante porque o umbigo não terá ciência, apenas nos remetendo às cicatrizes conhecidas, e todo filho que nascer do coito será o primogênito e Abel e Caim emularão novamente, e virão o vinho e as serpentes e todo o fosso que paulatinamente gerará um óbice intransponível entre o seu olhar e o meu, e talvez, se tivermos sorte, nossas almas se tornem inimigas e cobiçemos caça e território idênticos, e chegemos, quem sabe, a cobiçar também os modos de apropriação das verdades que àquela altura ainda estarão desgovernadas, e uma delas, ao acaso, se instalará em nós, fazendo-nos seu novo lar, e ergueremos as cercas e por baixo delas procuraremos atravessar

com nosso noticiário e com aqueles que se dizem nossos amigos, e você dormirá até que inventemos os trens e as distâncias, e só abrirá os olhos quando estivermos novamente trancados em nossas casas, as janelas cerradas, todos fincados no último reduto, até que o mundo desaparecerá em um movimento mais afoito dos pés -- estou eu outra vez com o fim do mundo e sua impossibilidade temática -- e não teremos mais o que pisotear, mas você estará dormindo novamente, porque serão horas noturnas, e nossa imensa fragilidade determina que repousemos sobre nossas derrotas diariamente -- deuse a isso o nome de sonho e muitas teses, enfim, mas -- os pés debaixo das cobertas marcados por um barro invisível, um barro abstrato e vulcânico, e teremos nossas almas depositadas sobre um par de botinas e sofreremos todo o desconforto gerado por tais roupagens inadequadas, mas nasceremos peixes, o que nos redimirá, e sob as águas ovularemos sem que darwinistas o saibam, sem que nossa imagem delimite o campo de nossa própria sexualidade, até que o espírito da inspeção se instale, e conflituaremos novamente com redutos, que é o nome para a defesa do que se imagina invadido, e nos descobriremos peixes grandes e peixes pequenos, e a natureza animal será, como sempre foi, a multiplicação da extraordinária imperfeição e da fantástica ignonínia das disparidades edificadas, e, se houvesse humanos a tudo isso examinar, haveria também quem defendesse toda emancipação da espécie mais robusta como um ajuste necessário, e, é claro, nadaremos e copularemos com o intuito de gerar armadores eficientes e em bom número para esse barco, não para consignarmos nossa espécie rara, e novamente turvaremos o cenho, as águas espessas, e a fauna se desencarnará e renascemos rochas e assexuados e sem olhos, nesse último estado deixaremos de ser a voz e o movimento do planeta para sermos apenas sua humilde

presença para ninguém, e em virtude disso não sentiremos mais qualquer lembrança, e sempre dormiremos, os dias e as noites, até que nos tornemos ávidos de que o tempo nos faça apodrecer e sobre cada um de nós sedimentar as matérias mortas e então nos encolheremos em nossas heterogêneas atitudes de esperar e timidamente apagaremos os últimos traços e tornaremos placenta, magma, e a terra e as águas serão uma mesma ebulição, depois fogo intenso, que se extinguirá à falta do que consumir, e apenas estrelas enunciarão os efeitos desse corpo devassado por dedos vesanos, pois requerirá o momento que deixemos as janelas abertas para a expansão dos calores, e para enciumar a implacável vizinhança que caminha pela orla dos planetas recolhendo o lixo atômico e alguma definição da paixão, para em seguida dicionarizá-la, e os poros saturados de proteínas se inflarão como velas e toda inusitada viagem se fará nos arredores dos sovacos, queixos, calcanhares, gengivas, até que a última brasa se apague e a derradeira divindade fique plasmada nas cinzas da lareira, quando então não recordaremos das dimensões dos nossos corpos, sua visitação ilimitada, e seremos o próprio ato de respirar, o afogamento das moléculas acasaladas, e talvez seja a timidez o único traço a revelar que não persistimos tanto na levedura pois ainda nos resta um nome que ouvimos e para o qual convergimos, trazendo ao redor do espírito nossa medíocre individualidade, mas contudo seus olhos, os cachos de ondas desmanchando a pintura do rosto, Isabel, a pira novamente acesa, um lusco-fusco de gobelins mal iluminados, o marco da descoberta sobre os territórios de passagem, o advento de nossas roupas ao pé do fogo, a difícil gestualidade e o esmero -- até mergulharmos no aço de nossos corpos e não enxergarmos para além da opacidade, o planeta se esfuma na miríade de constelações no céu, a placenta se rompe por fim, leve brotar de lágrimas, e sob a

batuta do tempo orbital você dorme, absolutamente confiante em que o sono tudo apagará.

A Pelotinha de Isabel

8

Até que você dormirá absolutamente desconfiada de que o dia
tudo realçará, sob o aquário o cimento de toda eternidade

calafetando os pulmões da origem, sob os arcos de rocha a promessa impossível de uma navegação, e todavia a iniciação barroca dos corais agregados em suas cintilações, trazendo seus ecos à luz do dia, ramifica-se, temperando o golfo e a barra de promessas de pescaria, peixes grandes e peixes pequenos, por baixo das furnas e dos sinais de alarme, o castelo erguido em pedras, o passadiço arrepanhando as ondas, Debussy em meditações e abandonado sobre as honrarias, os naufragos imprimem sorrisos a partir de suas tragédias, e as veias, e as nádegas e as cruces titilam em suas expansões naturais, o sangue, a carne, e o lenho devastando os arredores dos olhos, delicadas rugas sobre as pálpebras, os bueiros entulhados de mariscos, a rosa dos ventos desenhada sobre os telhados, do avião se pode ver, e a fumaça saindo das chaminés, as casuarinas nos contrafortes, e o esgarçado novelo de nuvens recostado nos altiplanos, e o mar se misturando ao céu até perdermos toda a matemática que o corpo executa disciplinarmente, e não sabermos mais se caímos ou subimos com os corpos, e os túneis por onde atravessamos, os lingotes de ferro em brasa, as pontas decepadas da matriz, saindo da siderurgia, um caldeamento de nervos teimosos arremetendo por alguma estrada secundária, com tocadores de tímpano alertas, anunciando a estação do plantio e da caça, e já se sente nos ossos o ar sufocante prenunciando uma tremenda carga d'água, o céu se destaca das ondas e das orlas e aplastra os baixios e as crias e vemo-nos forçados a enfiar nossos chapéus até as orelhas, e, debaixo do aguaceiro iminente, mastigar hortelã e cinamomo para irrigarmos o cérebro, e as maçãs do rosto,

e o fôlego será suficiente para rasgarmos os panos e drenarmos toda a água dilatando no convés nossas armas assestadas contra o

possível e o concreto, nossos binóculos retaliando murais clássicos com vestais e bilhas de vinho e burras escancaradas onde dracmas, com algum deus ali representado, ovelhas com guizos e mamutes africanos e o parto de algum animal junto ao lodo os ladrões do banco abrindo as malas de couro da diligência as famílias atravessando os oceanos para recomeçar o milho nas tulhas os dentes do cavalo os anzóis mergulhados nos lagos e rios escritas e sua caligrafia empalhada as mãos de sardas e tremura as toalhas felpudas e os degraus da escadaria da igreja os balões e os dirigíveis os subterrâneos das casas memória alicerces dos porões canos de cobre reservatórios as vítimas dos andaimes apensos ao esqueleto de algum edifício a aléia conduz à porta principal do estádio os touros já compenetrados os limites de seu destino o gládio as canhoneiras o espadachim nas telas entre as colunas de papelão e o lenço de gaze no peitilho mas a força limite da pedra vista isoladamente e tocada de toda impenetrabilidade fiéis os musgos revestindo alimentados boca-a-boca dourados respiradouros sob um calor imenso ubíquo do esterco brotam pequenos cogumelos e das telhas em brasa qualquer coisa também vegetal os pêlos amadurecem nos mamilos e há um vácuo entre umbigos apertados e em fatias de pão adocicado o terreno todo se rasga e se descama em aréolas sem cultivo ornamentais desencontradas no espaço flutuam e se desfazem há um som agudo descambando dos limites da harmonia e uma tempestade de sons acompanha a chuva sobre a terra túrgida exponencial expectorando e alguma forma de supremacia repentinamente se estabelece até que você dormirá desconfiada de tudo, ou confiante em tudo, o que é uma mesma forma de ignorar, no entanto, múltipla, recopia-se ostentando uma criança igual a você no ventre, construída segundo algum molde e fabricação que somente você

“Está bem. não é uma patente. Um trauma, talvez”, Isabel acorda:

“Injustiça não me deixar dormir”, ela diz, macerando a chupeta.

Em breve terá que dividir a chupeta com alguém menos afortunado que você, pensei enquanto examinava seu ventre.

“Você não terá condições no interior do garrafão. O oxigênio não foi programado para mais que um peixe grande, podendo servir a um número reduzido de peixinhos, desde que não tenham valimento ou ousadia”

“A criança não terá muito o que dizer nos primeiros anos. Funcionará como um acumulador de energia. Depois é que as coisas mudam”, Isabel cospe a chupeta e inicia uma peça de tricô.

“O que é isso, Isabel? Nem bem acabei seu enxoval e já”

“O que um dia me serviu, também servirá à criança. A natureza humana não é pródiga nem original. Não obstante, espero que sintam mais calor que eu”

“Mas onde os conflitos necessários, dizem, se etariamente pouca diferença há? Além do que, há que se ter um mínimo de perversidade para impor o mundo de hoje a um indefeso”

“Seremos duas indefesas: nasceremos pelas mesmas mãos”

“O obstetra já morreu, cortou-se com um bisturi, não existem mais braços confiantes”

“A criança nascerá sozinha, como os deuses”

“Não seja idiota, Isabel. Os deuses não nascem sozinhos, mas pelas mãos dos imbecis que os inventam. Muito menos são produto de um parto natural. São inseminados no cérebro e se espalham depois como a chuva”

“Chega de conversa, Antonio. E por favor coloque a rolha do frasco no lugar, uma parede de silêncio”

Por conveniência fiz o que ela ordenou. Depois, sentado em uma cadeira de balanço, segui atento as horas e os movimentos de Isabel no aquário. Semi-adormecida, soltava bolhas que lhe cobriam parcialmente o rosto. Momentos mais tarde já trazia, estampadas no olhar, a surpresa e a emoção das primeiras dores. Pensei que talvez fosse a hora propícia para o arrependimento: alguns peixes comem outros com voracidade. E igual acontece com outras espécies primitivas.

“Coma-o”, falei, nem bem a idéia me pareceu digna.

Mas ela permanecia muda, emborcada sobre uma pedra, sua chupeta boiando à deriva, de acordo com as contrações do útero da parturiente, o objeto ia e vinha. Retirei Isabel do garrafão: a parte infantil dela, situada acima dos ombros, tinha fome. Sustive suas costas e dei a mamadeira habitual. A parte inferior de Isabel aninhou entre os braços o nascituro e fez o mesmo, mas ele não demonstrou grandes aptidões gastronômicas. Isabel temia que a criança viesse a desfalecer com a proximidade do meu ódio, o que tornava o trato de Isabel com o filho mais provisório do que seria aceitável ou admissível.

“Seus problemas já começaram”, falei, quando tive a certeza do regresso da mamadeira à cozinha, ainda intacta.

“As noites são longas”, ela respondeu, obstinadamente, enquanto envolvia sua nova posse em panos e algas, já prometendo-lhe, com toda razão, um continente de afeto superior a suas possibilidades reais.

No dia seguinte, logo que acordei, envolvi as carnes de Isabel com meus braços. Sua pele seca e sem viço, o corpo não reprimindo mais as marcas de muitos anos exigentes.

A água do aquário havia evaporado devido ao calor intenso da noite passada.

9

A água do aquário havia evaporado devido ao calor intenso da noite passada e Isabel, nem bem acordou, já se havia esquecido de

suas responsabilidades: seu bonequinho de pano, largado no fundo do garrafão, o enchimento esvaindo-se pelos furos da entretela. Tempo de nojo, pensei. Sobressaltado com seu crime, tentei fazê-la se levantar da cama, mas ela não trazia qualquer lembrança que a comprometesse. Nenhum alarme, nem mesmo quando observei que o boneco tinha os traços de Vidal e o porte físico da mãe.

“Todos os bonecos são iguais”, respondeu-me então, atirando minha alusão para fora dos assuntos do dia.

Por fim ela levantou a cabeça do travesseiro e libertou-se das cobertas. Seu ventre ainda saliente, como se um outro tempo, anterior ao parto, se projetasse sobre o presente. Sincronia.

“Que filme é esse?”

“Vendi o aquário e seus pertences. Teremos mais espaço no quarto de agora em diante”, respondeu.

Em seguida disse:

“farei com que você não mais negligencie as obrigações”

“Está bem, não posso fazer nada se confundo realidade e fantasia. Você ainda está grávida, Isabel”

“É a ação da fantasia, Antonio”

“As suas dores, ainda no garrafão, as contrações, como pode me convencer de que aquilo não era real?”

“Aí está uma investigação que não me interessa”, retrucou Isabel.

Na borda do aquário ela colou o aviso:

‘VENDIDO’

mas o comprador nunca apareceu.

Quando as últimas estrelas se suspenderam acima do torreão da igreja, ainda não havia aceito que a vida é feita de uma somatória de aparições improváveis. Perguntava-me ainda se havia alguém, além de mim, naquela casa do largo -- alguém com os confusos sentimentos de todo mortal. No entanto, vasculhando a casa: cômodos, biblioteca, armários, nada encontrava que tão bem me aprisionasse. Nem pessoa, nem espelho. Mergulhava meu rosto nos cabelos dela, e aquietava-me, para melhor ouvir o trabalho diuturno dos vermes.

Isabel: ela não devia comer os vermes em tão grande número, eu refletia ouvindo-os abrir canais, passagens e viadutos pelas regiões mais obscuras da morta. E imaginava que tal comportamento se devia à pouca idade da defunta. Talvez, se outra visão de mundo tivesse o privilégio de se instalar em seu cérebro, os vermes não construíssem tão variados caminhos, satisfazendo-se com a visão do poente, no topo da montanha, ao invés de acorrer até ele por estradas recém-inauguradas. Talvez os vermes se deixassem ficar em algum nicho de seu corpo em atitude contemplativa e não predatória. Talvez

“Pare de conjecturar imbecilidades, Antonio. Deixe que os vermes encenem sua peça”

“Os vermes estão dando cabo de suas pretensões”

“Satisfazem-se com pouco. Minhas refeições são mais lutas que as deles”, pretextou.

“A abundância é uma das formas da escassez”, aditei.

“A abundância é uma das faces da plenitude”, replicou das profundezas de sua morte.

E continuou a dormir, e os vermes continuaram em sua tarefa labiríntica, construindo rotas, passagens, cruzamentos que logo

eram abandonados em função de outras rotas, passagens, sem que houvesse uma diretriz nítida sendo seguida, pois

“Cala a boca, Antonio”

freqüentemente retrocediam quando era evidente que o melhor seria seguir em frente, em linha reta, até o cérebro.

Então gordos, saciados e fracassados saíam e entravam das carnes de Isabel e sua boca, ampliada pelas novas estradas, esboçava esgares de desprezo que agitavam ainda mais todo o magote, e era uma sensação deliciosa: ver Isabel abater o ânimo dos vermes em seus próprios domínios.

Um dia, finalmente, eles se imobilizaram, hipnotizados pela luz que atravessava em todas as direções o corpo da morta - ou porque, quem sabe, estivessem exaustos com tão copiosa refeição e necessitassem de uma longa sesta. O fato é que

“Por favor, Antonio”

não se ouvia mais os vermes obrando, e como que atacados por algum veneno fatal, rolavam do interior de Isabel, desciam pela cama e caíam pesadamente (*sic*) sobre o soalho, formando um tapete de pequenos, infinitos pontos luminosos.

A luz reverberava intensamente, mal se podendo perceber os traços e contornos de Isabel. Alcei seu corpo, ele estava mais leve, contido no essencial, como um pequeno sol que perdido no espaço viesse ter em nossas mãos. Quando a noite chegou, a luz cedeu lugar a uma vibração, um arpejo que no apogeu emitia sons - melodia do sol apagado.

Chamei Debussy para que fizesse a gentileza de transcrever a música, mas os acordes formavam um oco nos ouvidos, espatifando as notas umas contra as outras. Restava apenas uma sensação indefinida, algo como uma coação intermitente sobre os tímpanos, como se a pressão houvesse sido bruscamente alterada e

afundássemos em uma região em que vácuo e saturação se alternavam imprevisivelmente.

Vexado, Debussy recolheu a pauta musical e se retirou.

O que foi uma pena, pois se o compositor tivesse ao menos perdido alguns minutos no largo, sentiria sob os pés a vibração de Isabel, e se a curiosidade atraísse suas vistas para a casa, veria com nitidez o edifício inclinar-se para a direita, ameaçando se desligar dos alicerces.

contagem regressiva, todos a postos, as turbinas ligadas, os registros em perfeito funcionamento. Se fôssemos belicosos, aterrissaríamos em outros planetas, tomaríamos posse de seus hinos. No entanto, éramos uma estranha nave, sem apetite ou outra deformidade, nave habitada por um sol ilegítimo, sol amante da noite - a quem prestava contas.

“Cale-se de uma vez, Antonio”

Assim sendo ficamos em casa, preparando um caldo de legumes, macerando no almofariz as horas e seus grãos. Sob a toalha de linho, abaixo do soalho, o planeta paulatinamente reduzindo de tamanho, até se confundir com os pontos luminosos inertes sobre o tapete. Isabel pôde então retirá-lo do firmamento e brincar com ele, enquanto eu lhe servia um pouco mais de comida. Isabel saíra-se vitoriosa contra os vermes, mas necessitava de cuidados especiais.

As gentes do largo deviam estar dentro da pelotinha, pensei, mas tive preguiça de dizer a Isabel.

10

“As gentes do largo deviam estar dentro da pelotinha, você não acha, Isabel?”

“Pergunte a Vidal. É ele quem conhece os costumes dos vizinhos, não eu”, respondeu.

“Onde haveriam de estar, senão na pelotinha?”, atalhei.

“Podiam estar em outra pelotinha, ou ter caído no espaço pleno”

“Vidal, onde você acha que foram parar os moradores do largo?”

“Devem estar onde sempre estiveram: na pelotinha”, respondeu com convicção.

“Não disse, Isabel? Estão na pelotinha”

“Eu não estou vendo ninguém na pelotinha”, falou Isabel.

“Você deve estar aí dentro também. E esta casa, e o caldinho que você acabou de tomar. Tudo dentro da pelotinha”

“Você insinua que se eu apertar a pelotinha o caldinho vai transbordar e sujar meu vestido?”

“Você não vai conseguir espremer a pelotinha”, falei:

“ela é muito dura”

“Suponha que eu consiga. O que é que aconteceria?”

“O caldinho ia transbordar e sujar seu vestido bonito”, respondi.

“E se eu espremesse mais e mais e mais, o que ia acontecer?”

“Os oceanos, os lagos e os rios correriam pela sua mãozinha e você ficaria toda molhada, e Antônio também, e Vidal também e o bonequinho de pano, também”, falei.

“E se eu espremesse mais do que mais, o que ia acontecer?”

“Não conto. Você é muito pequena para saber”

“Vidal, o que ia acontecer, conta”

“Você ia acabar esganando todo mundo”, disse Vidal.

“Deixe de ser sádico, Vidal. Não falei que Isabel era muito pequena para saber, porra?”

“Ela entendeu que não é para ficar apertando a pelotinha”
“Ela não ia apertar mais. Ela só estava querendo saber”, falei.
“Mas e se ela apertasse, você pode imaginar o que ia acontecer?”
“Deixe de ser trágico, Vidal. Você acha que Isabel ia ter forças para espremer a pelotinha?”
“Acho e não acho. Só não quero arriscar”
“Pois eu garanto que ela não ia conseguir. Se eu achasse o contrário, não dava a pelotinha para ela brincar”
“Isabel, guarde a pelotinha na caixa”, falou Vidal.
“Deixe ela brincar um pouco mais. Ela nem bem acabou de ganhar a pelotinha e já vem você querendo tirar das mãos dela”
“Sinceramente acho que Isabel podia ter brinquedos mais comuns, mas você insiste em deixar ela brincar com a pelotinha”, falou Vidal.
“Agora a pelotinha é minha”, atalhou Isabel.
“Claro que a pelotinha é sua. Está vendo, Vidal: ela gosta da pelotinha”
“Estou vendo. É por isso que ela pode se dar mal com a pelotinha”
“Está bem, está bem. Já chega, Isabel. Guarde a pelotinha na caixa, como Vidal sugeriu”
“A pelotinha é minha. Não vou guardar na caixa, nada”
“Vai guardar, sim. Amanhã você brinca um pouco mais. A pelotinha não vai sumir”
“Vai, sim”, falou Isabel.
“Não vai, não”, falou Vidal.
“Viu: Vidal e eu achamos que a pelotinha não vai sumir. Guarde a pelotinha na caixa”
“Isso mesmo, assim. Você viu como escureceu rápido? Vamos todos dormir, então”, disse Vidal.

“Onde você guardou a pelotinha?”
“Está na caixa, Isabel. Durma, já falei”
“Posso dar mais uma olhadinha nela?”
“Não, porque se você levantar a tampa da caixa, vai clarear de novo”
“E o que é que tem?”
“Vidal só sabe dormir de noite” falei.
“Deixe ele acordado”, retruca Isabel.
“Eu não quero ficar acordado. Deixem a caixa em paz”, berrou Vidal.
“Foi você quem escondeu a pelotinha”, disse Isabel, dirigindo-se a Vidal.
“Fui eu, sim. E daí?”
“A pelotinha é minha. Só eu posso mexer”
“A pelotinha é minha também. Fui eu quem a encontrou”, eu disse.
“Eu peguei primeiro”, disse Isabel.
“A pelotinha não é de ninguém”, disse Vidal.
“A pelotinha é de quem pegou primeiro”, insistiu Isabel.
“Fui eu que falei para você pegar”, aduzi.
“Calem a boca, ou ninguém mais brinca com ela”, falou Vidal.

“Quem mexeu na pelotinha?”, perguntou Isabel.
“Tinha que clarear, não tinha”, disse Vidal.
“Por que é que tinha que clarear?”

“Porque já são mais de onze horas, e desse jeito todo mundo vai saber que fizemos alguma coisa errada com a pelotinha”, respondi.

“E daí? Ninguém vai saber onde é que ela está”, falou Isabel.

“Vai sim, porque em alguma hora tem que clarear, e vão ver que o dia amanhece bem aqui”, ponderou Vidal apontando para o soalho.

“Levante os pés. Você está pisando na pelotinha”, reclamou Isabel.

“Estou só segurando para ela não rolar”, justificou Vidal.

“Ponha a pelotinha sobre a bandeja de frutas, Vidal”, sugeri.

“Está bem”, concordou Vidal.

11

“Está bem”, disse Vidal, instalando a pelotinha sobre a bandeja, junto de frutas mais delicadas.

A princípio achei a solução ideal, já que encerrava a interminável discussão entre Vidal e Isabel. No entanto, na primeira refeição familiar, por pouco não vimos a pelotinha ser perfurada pelo garfinho de Isabel, que confundiu o insalubre planeta com um ananás perfumado. A tempo Vidal arrancou-lhe o garfo da mão, retirando o prato de sobremesa com a pelotinha enfeitada de calda de açúcar queimado. Imediatamente entrou pela janela um odor adocicado de fábrica de balas, empestando todo o ambiente. Fui examinar a pelotinha: pelo menos metade do globo estava mergulhado no xarope de Isabel. Vidal, mais rápido e decidido que eu, arrancou a pelotinha do prato e correu para a cozinha, deixando o planeta sob um forte jato de água. Um aguaceiro descomunal nos tomou de assalto, mal nos dando tempo de fechar as janelas e aguardar, expectantes, que o telhado encontrasse forças para suportar o ímpeto das águas.

Nada mais que fosse digno de registro aconteceu nas horas seguintes. A casa suportou bem a carga de água e o planeta voltou à bandeja, levando desta vez uma bandeirola (fincada sobre o pólo ártico) com os dizeres:

‘CUIDADO PLANETA’

“Acho que você se esmerou demais na limpeza”, adverti Vidal.

“Apenas uma torneira doméstica com vazão de água normal. Nada assim tão grave”

“Sim, mas despencando sobre uma simples miniatura. Ora, veja as dimensões da pelotinha e faça as contas”, perorei.

“O toró não foi contundente”, respondeu.

“Não venha com cabotinismo”, intercedeu Isabel preocupada que Vidal estragasse seu brinquedo.

“Como, cabotino, se o mais grave ficou por sua conta: o garfo em riste, além da calda de açúcar sobre as nossas cabeças?”

“Eu sou quase perfeita”, alardeou Isabel:

“posso cometer um erro uma vez na vida”

“Está bem. Ao menos passe um paninho de leve sobre o planeta, de modo a absorver o excesso de água”, sugeri.

Vidal concordou.

Isabel comeu o verdadeiro ananás.

“Ninguém se lembrou que era hora de anoitecer”, falei, depositando novamente a pelotinha na caixa e repondo a tampa.

“Deixe a laranja sobre a bandeja”, ironizou Vidal, se apercebendo que eu cometera um equívoco.

“Não podemos mais ficar com o planeta. É responsabilidade demais. Acho que devíamos encaminhá-lo ao setor competente”, ponderei.

“Somos nós o setor competente”, redarguiu Vidal.

“É isso mesmo”, disse Isabel.

“Lá vem você também. Nem sabe o que é o ‘setor competente’, Isabel”, falei.

“Vidal disse que é a gente”, retrucou Isabel.

“Isso é o que ele acha”, trepiquei, trocando a laranja pela pelotinha e colocando a última na caixa.

Já que você está de pé, que acenda a luz”, disse Vidal.

Fiz o que ele pediu. Levei depois o planeta para a cozinha, guardando-o sobre o guarda-comida.

Como não tivesse muito sono, levantei-me e, da janela, fiquei espiando o largo vazio. Na medida em que um largo vazio não consegue enjaular devidamente nosso pensamento exclusivamente nele, deixei-o desprender-se de onde eu estava e ganhar o mar e depois o infinito, onde acabei por me instalar desmaterializado.

Do espaço imenso fiquei a procurar o planetinha, ou melhor, fiquei a procurar a Via Láctea, se a encontrasse no turbilhão de estrelas e asteróides tentaria encontrar o nosso pacato sistema solar - e nele o planetinha guardado na caixa. Não encontrei a pelotinha, mas uma imensa barata cruzando desprevenidamente o largo. Imediatamente compreendi que o planetinha corria perigo. Desabei então até a cozinha, abrindo com cuidado a caixa: uma baratinha ínfima bateu as asas e desapareceu. Quando voltei à janela, não havia mais nenhuma barata na praça, apenas o silêncio dos bancos e das estátuas ali plantadas.

Em virtude do calor resolvi guardar a pelotinha na geladeira, e fui me deitar aliviado. Quando acordei, muitas horas depois, uma crosta de gelo recobria as paredes da casa.

Recoloquei a pelotinha sobre o guarda-comida e destampeei a caixa, de modo que amanheceu.

Os jornais da manhã alarmaram Vidal. Não que tivessem descoberto que algum lunático colocara o planeta na geladeira para assim dormir melhor. As manchetes falavam de problemas no sol, única justificativa que os cientistas encontraram para explicar o fenômeno que chamaram de ‘dias e noites aleatórios’.

Em virtude disso, Vidal e eu decidimos adquirir um relógio de pulso, além do que, adaptariamos um chapéu coco à pelotinha, de modo a restabelecer a rotina nos hemisférios e acabar com as especulações dos cientistas.

No entanto, o problema dos fusos horários e da caminhada do sol entre o nascer e o poente ainda exigia solução urgente.

Com uma agulha de tricô perfuramos cuidadosamente a pelotinha, de pólo a pólo, denominando a agulha de ‘eixo imaginário do planeta’. Um conjunto de arame e polias, acoplado ao motor de uma bateadeira elétrica com a rotação prejudicada, fez o resto. O artefato custou-nos alguns dias de trabalho, mas finalmente conseguimos devolver a integridade ao sistema solar.

No mercado das pulgas adquirimos mais algumas bateadeiras avariadas (material de reposição), além de um motor diesel, que entrará em operação toda vez que o sistema elétrico falhar.

Numa madrugada, fizemos uma incursão ao grupo escolar, resgatando um globo terrestre da classe de geografia. Isabel recebeu o presente sem grande demonstração de contentamento. Preferia sua

velha pelotinha, que em outros tempos se confundia com um simples ananás.

A operação pelotinha já ocupava todo o cômodo principal da casa, com algumas ramificações no quarto -- sistema de alarme -- e laboratório de física, na cozinha. resolvemos nos mudar para o sótão e decretar área de segurança nacional em toda a casa. Vidal e eu faríamos o plantão em turnos alternados.

‘Graves transformações no firmamento’, dizia uma manchete no jornal. Vidal resolveu ler a matéria de cabo a rabo. Em síntese, os observatórios astronômicos, os especialistas e os laboratórios espaciais, todos, enfim, e de comum acordo, concluía que o firmamento estava em crise, a tal ponto que se mencionava a palavra ‘controle’, para designar a interferência de um hemisfério sobre o outro. E denominaram ‘interpolarização momentânea’ a unificação do céu sobre a Terra, de sorte que por algum tempo todo vivente teria, sobre sua cabeça, um único céu, independentemente do hemisfério. E tudo se passava como se o planeta tivesse se tornado um platô sem fim, com pilares de sustentação no subsolo, que por sua vez apoiar-se-íam sobre o éter.

Pensei eufórico que a vigência de um só céu já seria um bom começo. Vidal não demonstrou grande euforia com tal possibilidade. Sobre uma prancheta do sótão, se limitava a efetuar complicados cálculos de modo a projetar uma réplica do firmamento primitivo.

Não é difícil furtar uma igreja durante a noite.

Na verdade o que fizemos foi despir um santo para cobrir outro. Roubamos as lâmpadas que iluminavam as centenas de nichos de adoração, e as transformamos -- adaptando-as a um painel circuitado -- em estrelas artificiais do mais perfeito firmamento que uma pelotinha já sonhou ter.

O firmamento foi ligado à tomada da sala - que serve também à vitrola. O céu original que revestia os vales e as montanhas ligado a uma simples corrente de 110 volts.

Antes que os ecologistas e especialistas em meio ambiente alardeassem que finalmente o planeta estava a salvo, reduzimos sensivelmente o brilho das estrelas, pulverizando regularmente o planetinha com um vaporizador de gases compostos, cujos nomes esqueci de perguntar a Vidal - além de um significativo estoque de partículas em suspensão. Sobre a pelotinha instalamos uma redoma de vidro com retentor e filtro, de modo que a realidade não nos sufocasse a respiração.

Com o passar do tempo não se podia mais enxergar a pelotinha, tal o acúmulo de resíduos sobre a superfície da redoma. Restava-nos -- para deleite -- tão somente o circuito de estrelas de quinze velas cada uma.

Isabel começou a gostar do globo da sala de geografia. E passou a ter medo que Vidal ou eu o cobiçássemos demais, vindo um dia a arrancá-lo de suas mãos.

“Você não prefere uma bonequinha?”, perguntou Vidal a Isabel.

“Não. Só quero a minha pelotinha”

“Não é a sua pelotinha. É apenas um globo terrestre”, respondeu Vidal.

“Deixe ela achar o que quiser”, eu disse.

“E se ela espetar o globo, achando que está espetando a pelotinha?”, indagou Vidal.

“Ela apenas vai levar um susto danado. Mas com o tempo saberá a diferença, e se divertirá muito mais espetando o globo terrestre da sala de geografia”

“O globo parece muito com a pelotinha. Isabel vai fazer confusão”, retrucou Vidal.

Ninguém vai pegar a minha pelotinha”, choramingou Isabel.

“Ninguém quer fazer isso”, asseverei.

“O Vidal quer trocar a pelotinha por uma bonequinha. Eu não quero bonequinha nenhuma”, falou Isabel.

Chamei Vidal a um canto e propus:

“vamos comprar meia dúzia de globos terrestres e apenas uma bonequinha. Assim, ela logo se cansa e desiste de brincar com a pelotinha”

“Se fizermos isso ela pega um dos globos e coloca no lugar da pelotinha da redoma, e mistura o planeta com os outros globos restantes. Aí é que vai ser”, sentenciou.

“Está bem, Isabel. Você já brincou muito com a pelotinha hoje. Deixe-a no guarda-comida”, falei, segurando os braços de Isabel.

“O guarda-comida é o meu laboratório de física”, lembrou Vidal.

“Está bem, deixe-a então no armário”

“O armário está entulhado de bateadeiras de bolo”, alertou Vidal.

“Está bem”, falei novamente:

“a gente esvazia a pelotinha hoje e amanhã a gente enche ela outra vez. Está bem assim, Isabel?”

A pelotinha não tem jeito de esvaziar”, disse Isabel.

“Pode dormir com ela”, falei, literalmente exausto.

12

Não posso precisar exatamente quando. Talvez por volta das duas e meia da tarde. O fato é que Isabel apareceu no sótão depois dos habituais divertimentos no jardim, ostentando uma maioridade que causou surpresa em mim e em Vidal. De imediato me veio a lembrança recentíssima da garotinha de vestido de pregas e laçarote no cabelo, que naquela manhã saíra do sótão pulando os degraus de três em três, com a determinação singela de dar alimento aos pássaros.

“Você não necessitava correr tanto, necessitava?”, perguntei quando a enfrentei no centro geométrico do sótão, suas roupas salientando as formas recém-conquistadas.

Ela pressentiu logo que uma nova alucinação ocuparia de agora em diante aquele lugar:

“não há viço que não deseje agora”, respondeu com as mãos nos quadris.

“O que me diz disso, Vidal?” pergunto, na tentativa de arrancá-lo da pasmaceira súbita.

Vidal procurou dissimular:

“basta perdermos a garota de vista por umas poucas horas. Veja você, Antonio, como são as coisas”, e fingiu concentrar-se na afiação do gume do canivete com que limpava as unhas.

“Podem ficar com a pelotinha, agora. Não preciso mais dela”, afrontou Isabel.

Era a mesma pessoa que naquela manhã abrira um incontrolável berreiro ao saber que Vidal colocara na redoma da pelotinha um cadeado à prova de Isabel.

“Ao contrário”, observou Vidal:

“agora é que é a hora de distribuírmos em partes equitativas as nossas responsabilidades. Você, de hoje em diante, fará o plantão, rendendo o Antonio”

“Não vou ter tempo para cuidar da pelotinha. Tenho outros afazeres”

“Sem obrigações, sem direitos”, sentenciou Vidal.

“Frase feita”, retrucou Isabel.

“Deixe-a adaptar-se às novidades”, sugeri polidamente evasivo.

“Não tivemos tempo para reconhecer cautelosamente o ‘velho’”, retrucou Vidal, embalando-se nervosamente na cadeira de balanço.

“De qualquer modo, teremos que redistribuir as atividades, Isabel”, advertiu, cofiando a barba grisalha.

“É certo. Já estamos cansados de cuidar da pelotinha dia e noite, sem receber uma só condecoração por isso”, eu disse.

“Há séculos atrás haveria quem se candidatasse para a tarefa. Mas vocês o que fizeram? Inventaram no cosmo um esconderijo perfeito, e, como um pilatos, lavaram as mãos e silenciaram”

“Na época em que demos asilo à pelotinha, e inventamos para ela um firmamento, dias e noites, e tudo o mais, não havia uma maneira de entregar a bola às autoridades. E se o fizéssemos, seríamos no mínimo incinerados”, disse Vidal.

“Sim, Isabel, o que você queria que nós fizéssemos? Que entregássemos nossas cabeças ao carrasco? Não tínhamos autorização para reter o planeta, exercendo sobre ele uma tutela ilegítima e ilegal, tutela essa que, é bom que se diga, punha em risco todo o sistema planetário”

“Sistema solar”, corrigiu Isabel.

“Está bem, como quiser”, e abanei as mãos.

“De qualquer forma, não se justifica. Deviam ter passado o planeta adiante logo que o descobriram sobre o tapete de vermes, aliás, meus vermes”, bradou Isabel.

“Mas foi justamente por sua causa que ficamos com a pelotinha. Você não se lembra?”, disse Vidal.

“Eu era apenas uma criança estúpida”

“Não. Você era uma morta estúpida, que pensava que era peixe, e que adorava comer vermes para se sentir toda iluminada como uma bola de fogo, com os raios de sol entrando por dentro do seu corpo”, explodiu Vidal.

“Se eu não comesse os vermes, eles comiam a mim. Ou você acha, Vidal, que os vermes eram meu prato predileto?”

“Não me venha agora dizer que premeditou tudo. Falta-lhe tutano para isso”

“Na época em que eu comia vermes eu era grande, mas não o bastante. Depois então fiquei pequena e agora me tornei grande outra vez. Ou ninguém conhece a cronologia dos fatos por aqui?”

“Não seja ardilosa, Isabel. É certo que o perfil do seu crescimento não é exatamente linear, um pouco, digamos, emaranhado, mas você esqueceu um fato primordial: estava inteiramente e irremediavelmente morta”, falei.

“E o que dizem do meu filho, que vocês afogaram no aquário?”

“Ele não era seu filho. Apenas um boneco de pano engraçadinho. E foi você mesma quem estragou o brinquedo, atirando-o na água imunda do aquário, depois de rasgar-lhe as tripas. Nunca vou esquecer de seu ataque de morbidez infantil”, disse Vidal.

“Está bem, Vidal. Acho que não adianta repisar as coisas”, falei conciliatório.

“Mas eu quero repisar, eu quero”, bradou Isabel. E continuou:

“como então, eu pergunto, Vidal aninhou-se em meu colo, ora como uma criança indefesa, ora como um destemido amante, se eu era, segundo afirmam, um bebê, uma garotinha quase normal?”

“Ninguém disse isso. Além do mais, o perfil de Vidal também é um pouco confuso”, expliquei.

“Não gostei”, retrucou Vidal.

“Continuamos no mesmo ponto: não vou cuidar do planeta em hipótese alguma”, asseverou Isabel.

“E o que propõe como tarefa substitutiva?”, indaguei.

Isabel refletiu um segundo, o dedinho indicador cortando os lábios. Disse:

“serei uma fêmea banal. Cozinharei, cuidarei da casa e do leito”

“A casa e o leito se confundem com o planetinha. Não há como separar uma coisa da outra”, interpelou Vidal.

“Sou a única forma acabada de prazer nesta casa”, foi o que Isabel alardeou, as carnes túmidas.

“Por mim está bem”, digo, ao sentir uma involuntária ereção”

“Vocês venceram”, disse Vidal. E concluiu:

“mas vocês não sabem o que estão a semear”

Depois da discussão, resolveu-se que a pelotinha ia para o estrangeiro. Não haveria de ser um exemplar enfezado e raquítico do mundo que iria amedrontar as potestades de lá.

Em seguida, a pelotinha com toda a parafernália foi devidamente embalada e colocada na agência de correios mais confiável.

O Equinócio e a Germinação das Plantas

13

Os inúmeros cômodos ociosos de finalidade, a casa cumprida, imensa, nenhum testamento que a resgate do vazio. Ainda empilhados no sótão, cobrávamos uma justificativa para tantas salas, quartos, corredores, passadiços, pergolados, jiraus, antesalas e alcovas. O planeta em mãos espúrias, sem dúvida. Onde, na imaginação, um significado para o prédio abandonado em seu gigantismo? Descíamos do sótão e esquadriávamos a casa, como se uma extravagante mobília estivesse para chegar e planejássemos com meticulosidade a disposição das novas peças.

Isabel crescia e se desenvolvia com todas as perfeições germinando -- uma forma, também, de moldar a nova face dos dias. Passeios pelo jardim. Junto ao poço ficávamos horas a fio, vendo o sol despegar do horizonte, e ouvindo os estorninhos em melancólica debandada. O poço era o centro da terra, desde antes da construção da casa, desde antes do fim do mundo: instalamos um telégrafo nas paredes do poço, para estabelecermos uma comunicação imediata com o núcleo da terra. No final das tardes, Vidal e eu ficávamos à escuta, esperançosos de notícias frescas e alvissareiras. Mas apenas a sinfonia das águas no seu particular chamamento, como se querubins devassos, antípodas dos que moram no alto, entoassem melodiosos apelos para que erguêssemos a pesada campa e mergulhássemos ali.

Enquanto cevávamos tais comichões, Isabel desfilava pelo jardim, distribuindo sementes de absinto, que em breve explodiriam em delicados capítulos amarelos. Por trás do perfil de Isabel, a casa em sua mudez oleaginosa, mais imponente que o largo com suas imagens de gesso fincadas aqui e ali -- simulacro.

Do sótão via-se todo o largo, e a única vida visível chegava até nós como uma singela maquete, ainda não cozida de todo, com a qual poderíamos exercitar nossa imaginação e nosso desespero -

abrandando uma feição aqui, verticalizando paredes ali, alargando algumas janelas, mudando a posição das mãos, o ponto para onde se mira, ou eliminando as portas. Uma tosca mistura de engenharia e brinquedo inconseqüente. Chegamos a construir um eucalipto de gesso, feito de acordo com um molde de revista, e o plantamos no largo. Fazíamos a rega freqüentemente, confiantes em que o tempo não faria as rugas florescerem nos rostos. Apenas Isabel a dar-nos conta das idades.

Breve chegaria a estação das águas. Vidal temia pela sorte da maquete -- enraizada no solo, mas frágil demais para suportar o encargo. Resolvemos transferi-la para o alpendre, sobre uma bancada de cavaletes. Algumas figuras mais vetustas, à fila do cinema, despencaram, as bases já apodrecidas pela espera. Algumas rachaduras da igreja se acentuaram, e o gato da cimalha, depois de sucessivas quedas, ficou irreconhecível. Os homens austeros exalavam um ar facinoroso antes dos devidos reparos, e os vendedores ambulantes não possuíam mais o que vender, embora ostentassem ares de quem negaceava a qualidade da mercadoria. O pároco, que por tanto tempo cultivou o hábito de esgueirar-se pelas traseiras da igreja em visitas clandestinas, perdera de vez toda a roupa de clérigo, mais parecendo um cristo à cata de uma cruz em que pudesse instalar sua figura.

Apesar de tudo isso, estávamos imbuídos de uma férrea determinação de reconstruir o largo - e não excluíamos dos planos a hipótese de novos habitantes, de modo a podermos dividir mais agradavelmente o ócio, não sobrecarregando demais esse ou aquele. O cais do porto, por exemplo, agora distanciado do largo, seria

ligado a ele por uma ampla avenida de modo que a libidinagem dos marinheiros povoasse as redondezas de meretrizes e cafetões. Abriríamos novos cabarés para atrair o populacho e escreveríamos sobre o balcão principal da prefeitura o nome

‘COVIL’

em letras garrafais. Planejávamos, enfim, milhares de melhoramentos, reedificaríamos o largo em seu antigo sítio após a estação das chuvas. Não tínhamos mais o domínio sobre o planeta. Em contrapartida faríamos um largo melhor.

Durante a reforma, o espaço deixado pelo largo imprimira uma desolação maior em nosso horizonte de visão. De qualquer ponto da face norte da casa podíamos enxergar sem grande dificuldade o limite da civilização: o exato local em que arrisquei pisar um dia em companhia de Vidal, e onde tive a primeira visão do nulo, com sua superfície de contato e atrito inteiramente ausente, alastrando-se em seu ínfimo fulcro de célula nenhuma -- e onde percebi, entre outras coisas, a origem dos mananciais, o reduto das reservas e o plasma da arte, ou, antes dele, a têmpera que confere nervos ao artista.

Região inexistente e ao mesmo tempo território imenso a ser explorado no interior de alguns de nós, o nulo ressurgia atrás do vazio e da promessa de um novo largo. Suas fronteiras, antes tão precisamente delineadas, pareciam agora esfumaçadas -- território não plenamente definível, saturado de emoções e de libelos febris. Sem consultar Vidal ou Isabel, decidi aniquilar a maquete do largo, pondo fim aos títeres de gesso e legar, para a posteridade, apenas

aquela região mágica. Que alguns ao pisarem conceberão como um filamento luminoso atravessando para além o limite do conhecimento - mas que outros, ao verem de longe, confundido com o horizonte, perceberão como um estágio propiciatório, e dele tomarão posse qual furtivos caçadores.

Vidal considerou meu ato impensado, sobretudo levando-se em consideração que ele já havia fabricado um punhado de meretrizes apetitosas, um tanto de vendedores resistentes e loquazes, e cabarés cheios de recantos escuros com boêmios e garçons discretos -- além da placa da prefeitura. De mares bravios Vidal importou marinheiros de toda sorte de nacionalidade, e um homem com seu realejo, ambos novinhos em folha, acompanhados por um periquito experimentado. Novos homens austeros, ou melhor, homens com outra concepção de austeridade, já estavam preparados para substituir os antigos, e na fila do cinema os jovens, até então ausentes, compareceriam com suas reivindicações justas. Vidal pretendia dar mais uma chance a Debussy, reintegrando-o ao primeiro silêncio do primeiro instante da recriação do mundo e Janácêk ganharia uma sala especial. John seria convidado para a inauguração e seus muitos roteiros seriam repensados à luz de tão imponente cenário. A nova maquete, desejava Vidal, seria portátil, ao contrário da antiga, muito pesada e de pouca ou nenhuma mobilidade. Assim, quando fosse preciso um ambiente de montanha, com espessas florestas, bastaria que rolássemos o largo até as elevações a leste. Quando se quisesse, ao invés, uma febre de portos e corpos bronzeados, rolaríamos a maquete em direção ao norte, onde as ondas pulsam sobre as areias das praias e onde os

barcos enfrentam o perigo de pedras submersas. Tudo isso Vidal havia projetado, e tudo isso foi jogado por terra quando transformei sua fantasia em uma massa disforme de figuras aglutinadas.

Basta um rápido e superficial olhar: o marinheiro nórdico, por exemplo, ganhou um par de castanholas, o gato uma inscrição no peito que dizia ‘COVIL’, o padre uma tatuagem obscena, o periquito um chapéu, e muito mais eu fiz com a fúria de meus tacões.

Durante muitos dias Vidal ficou sem me dirigir palavra, construindo, em seus longos momentos de melancolia, um túmulo, também de gesso, onde reuniria tudo o que eu havia fragmentado e que, um dia, significara motivo de orgulho para ele.

Quando a estação das águas finalmente chegou, Isabel, Vidal e eu éramos três habitantes incomunicáveis em nosso mundo. Um mundo rodeado por uma espessa cortina de água que impedia a visão do nítido nulo, seu reconforto.

“Espero que o absinto não sofra demais com a chuva. Tão pequeno ainda”, disse Isabel, após semanas de silêncio.

“Devia tê-lo plantado na primavera, como indica o livro de jardinagem”, respondeu Vidal.

Sua voz causou-me arrepios.

Numa manhã o guarda voltou, trazia como roupa um arlequim andrajoso na parte superior, e algo de jardineira na inferior, o emblema de policial afivelado no tênis colorido, um chapéu de

almirante Cochrane e estava armado de arco e flecha. Era sem dúvida uma impressionante criatura. Se John fosse realmente um sujeito de carne e osso, e não uma simples alegoria ocasional, pediríamos a ele que batizasse o guarda com algum nome de impacto. Na falta de John, só nos resta a alternativa de chamá-lo de guarda.

O guarda não aceitou o menoscabo com a praça, a destruição da maquete, e acusou-nos de usurpadores do seu passado. O largo, seu reduto de vigilância diuturna. Qualquer alegação de que ele havia abandonado o posto e se ausentado por tempo além do permitido por lei, artigo, parágrafo, inciso, etcétera -- não surtia efeito. O guarda alegava que tinha direito a férias prolongadas. A assertiva de que o mundo terminara, e por conseguinte terminaram com ele os cargos de vigilância, não o demovia um milímetro.

Decidi pelo caminho mais realista de que dispunha e principiei por enumerar minhas atividades inescrupulosas, que realçavam ainda mais minha falta de caráter. Contei-lhe sobre a pelotinha, sobre o firmamento artificial, sobre o envio da pelotinha ao estrangeiro, entrega rápida, e tudo o mais que já se sabe. Contei-lhe também sobre a caçada à mariposa em área proibida, sobre o comércio clandestino das cotas de sal durante minha estada no presídio, sobre o equipamento de telégrafo instalado no poço, sem registro ou inscrição. Contei-lhe inclusive que da janela da casa podíamos enxergar 'nitidamente' o nítido nulo sem que por causa disso pagássemos um níquel sequer aos cofres públicos (imposto sobre diversões) e por fim contei que bem recentemente, em nosso jardim, foram lançadas sementes proibidas do absinto, com a finalidade de produzir, engarrafar e comercializar o aguardente. Desfiei, pois, uma infinidade de atos delituosos. Alguns deles, vistos e julgados isoladamente, não dariam qualquer alternativa ao

mais brando e moderado dos juízes, que não fosse a condenação máxima.

O chapéu de almirante do guarda foi o primeiro sinal de estremecimento da autoridade. No entanto, como o almirante não fosse afeito ao código civil, ordenou-nos simplesmente que fundeássemos âncoras a bombordo. A parte do arlequim descabelou-se, vertendo lágrimas carnavalescas, e a jardineira enrubesceu em toda a sua brejeirice. A flecha disparou contra o telhado da casa vizinha, acertando um pombo, e o emblema nada pôde fazer, a não ser continuar a decorar o tênis colorido, com inscrições do tipo: ‘faça mais amor e bem menos guerra’, ‘deixe tudo para amanhã e não faça nada hoje’, além de outras.

Inutilizado da cabeça aos calcanhares, restou ao guarda espernear, enquanto o amarrávamos a uma espécie de cruz, outrora ocupada por um espantalho sonolento.

O almirante, o arlequim, a jardineira e o espírito que ata vezes tão díspares lamuriavam-se o dia inteiro, e às vezes também durante a noite. Provavelmente era fome, conjecturou Vidal. Imediatamente Isabel sugeriu a aquisição de algumas gralhas, já que o temor que tais aves sentem pelo espantalho deve ter algum fundamento. E, para Isabel, o fundamento fica sempre dentro do estômago.

O concurso das gralhas, duramente obtido por intermédio de um próspero fazendeiro, exigiu-nos muita paciência durante a negociação e elevada paga, já que roubávamos ao fazendeiro o prazer de torturá-las no cercado que mandara construir especialmente para esse fim. Não obstante, todo o nosso desvelo só fez causar indignação ao espantalho, que demonstrou nojo quando uma enfiada de gralhas lhe foi apresentada à hora da refeição.

Vimo-nos obrigados a devolver as gralhas restantes ao fazendeiro, que as recebeu de bom grado, dando, em troca de sua incontestada satisfação, uma promissória para dali 30 dias.

Nos dias seguintes tentamos tudo, de comida de cachorro a comida de peixe. Nada deu resultado.

Decidimos então pesquisar por partes, já que o todo não nos indicava um caminho a tomar. Já na primeira tentativa logramos êxito: o almirante requereu linguado para o almoço e sopa de tartaruga para o jantar. O arlequim gostou da idéia e pediu o mesmo. A jardineira dispensou a sopa, uma única refeição diária era suficiente. E o espírito só fez acolher o gosto da maioria. O guarda deixou as lamúrias de lado, exigindo apenas que lhe afrouxássemos um pouquinho as amarras dos pulsos. E se deixou ficar, prazeroso, debaixo do alpendre.

No último minuto da última hora do último dia da estação das águas, portanto exatamente no primeiro equinócio, ocorreu, como esperado, o grande refluxo. Quando tudo o que a estação despejara sobre a terra voltava aos céus sem qualquer possibilidade de moratória. E os juro eram altos. Como resultado, durante as vinte e quatro horas do equinócio, a terra chovia nos céus. Era a chuva ao contrário. Ao término, os que ainda sobreviviam ao refluxo ficavam estáticos e de boca fechada, retendo sorratamente a saliva debaixo da língua - única água disponível naquelas horas tormentosas.

Um impenetrável mutismo desabava então sobre toda a terra, obrigando as pessoas a se entenderem sem se falar. Como principal

decorrência do refluxo, a harmonia reinava em todas as latitudes e longitudes.

Exemplo:

- “ “, insinuou Vidal, gesticulando.
- “ “, assenti com a cabeça.
- “ “, Isabel, chamando-nos para o jantar.
- “ “, agradeceu o espantelho.

Exatamente à meia-noite cessou o grande refluxo. E embora perdurasse a escassez de água, já podíamos voltar a falar parcimoniosamente.

Mais do que nunca as conversas foram amenas.

14

Mais do que nunca as conversas foram amenas
“Anêmicas, Antonio”

e quem estivesse no ponto mais alto do Estreito de Gibraltar, os ouvidos bem abertos, a alma ansiando por entretenimentos, ficaria sem dúvida desapontado. O mundo inteiro -- e dali se vê bem o mundo inteiro - parecia viver horas de abandono, os corpos largados depois do festim, a imensa toalha borrada de vinho, os comensais abatidos pelo álcool, as moscas beliscando o resto dos assados.

John, o cineasta, e é sempre bom lembrar que ele era além de ator um cineasta com todos aqueles méritos que os obscuros diretores invocam para si, John, eu dizia, com seu corpanzil, arrancava de nossa memória a figura dos opulentos conselheiros da corte renascentista, sua máquina de filmar assemelhando-se a um sextante que lhe presentearam, e cuja finalidade e uso desconhecia. Tanto era assim, que se nos atrevêssemos a comentar com ele a última cena, tecendo considerações sobre a iluminação e as tomadas, John daria de ombros, segurando no interior da boca a saliva congestionada de catarro e paúra.

As tensões causadas pela estação das águas devolveram a Isabel a plenitude de sua gordura e, a reboque, sua antiga insegurança e fragilidade.

O espantalho, contudo, foi quem mais sofreu: a estação trouxe-lhe eczemas nas pernas, uma artrite virulenta, além de uma ingrata

dispepsia. Quando já mal suportava o ímpeto das águas, veio o refluxo e com ele uma redução da acuidade visual que procurou disfarçar nos primeiros dias. Seu estado físico era no mínimo deplorável e foi muito eficiente no combate às gralhas da horta, como serviu também para estimular a mudança de nossos últimos vizinhos.

Apenas Vidal parecia haver atravessado inteiramente incólume tudo aquilo. Quando as águas deixaram de evaporar e a temperatura do lado de fora voltou a permitir que os mortais convivessem com os raios de sol e lua, Vidal desceu para o jardim, trocou toda a fiação do telégrafo e praticamente se transferiu com sua mobília, revistas técnicas e apetrechos diversos, para junto do poço. Como já se havia familiarizado com o comportamento dos ratos do sótão do teatro e das retretes imundas do presídio, recolheu, sem dificuldade, alguns exemplares em uma arapuca e os transportou para junto da grama, no local que escolheu para repouso. Todas as noites reservava aos roedores insignificantes gramas de queijo, que misturava com serragem e alguma comida que sobrara do jantar. Com o tempo descobriu que o engradado não era totalmente adequado ao que pretendia. Assim, e tendo em mente que ansiava por escutar os ratos estridularem e guincharem na irritação própria da raça, decidiu transferi-los para uma caixa de aço escovado, com ventilação limitada. À caixa acoplou uma espécie de chifre, que funcionava como um amplificador de ruído, semelhante a um rústico megafone.

Com o expediente, os registros sonoros tornaram-se insuportavelmente mais audíveis, e as noites de Vidal mais agradáveis. Uma vez resolvida a questão, Vidal não mais abandonou o jardim, nem mesmo em sua festa de aniversário.

Quando as cartas de felicitação começaram a chegar, passou a interceptar o carteiro, retendo toda a correspondência, independentemente do destinatário. Fomos obrigados, Isabel e eu, a descer ao jardim e a simular de alguma forma contentamento pela efeméride, único meio para subtrair de Vidal a correspondência a nós endereçada.

Na verdade, constatamos que a atitude do Vidal era absolutamente inócua, já que ninguém se lembrou de felicitá-lo pela passagem da data e todas as cartas, com exceção de uma, tinham o nome do espantalho como destinatário. Provenientes dos mais diferentes recantos do globo, as cartas ao ex-guarda estampavam selos que alimentaram imediatamente a cobiça de Isabel. Ela, sob a alegação de que os selos eram raros e deviam fazer parte de nosso patrimônio comum, quis reter a correspondência do espantalho. Em princípio consideramos justa a apropriação, já que o destinatário vivia exclusivamente às nossas custas. Decidiu-se por fim que os envelopes com os selos ficariam sob nossa custódia, mas permitiríamos que ele manuseasse seu conteúdo.

Todavia o espantalho nem sequer abriu os olhos para examinar o material, e em voz baixa requereu sua imediata incineração.

Isabel ficou a destacar os selos dos envelopes, enquanto Vidal e eu prepararíamos uma fogueira digna da notoriedade do espantalho. Abatemos então um vetusto carvalho das imediações, e fizemos uma clareira no jardim. A parte do tronco, mais robusta, foi cortada em quatro grandes achas, de modo a formar um quadrado. Os galhos foram distribuídos e empilhados no centro. Meio litro de querosene e um palito de fósforo fizeram o resto. Quando o fogo

pegou e altas labaredas iluminaram o céu, despejando reflexos avermelhados no rosto do espantalho, lembramo-nos da carta restante, que não era endereçada a ele. Desconsolada, Isabel retirou do bolso da saia um envelope amassado e o atirou ao fogo, lamentando-se da incompetência do missivista em encontrar o endereço correto do destinatário.

Só nos restava como consolo presenciar o espantalho, o rosto congestionado de dor, mordendo numa espécie de autoflagelação os lábios, até que o sangue cobriu-lhe a boca, o queixo, jorrando aos borbotões. E o lábio inferior, dilacerado, despencou a um canto da boca.

“Ele parece ter um pedaço de carne crua entre os dentes, o faminto”, falou Vidal.

“Não seja cruel”, disse Isabel:

“arranje algo para estancar o sangue”

“Eu não vou perder essa de modo algum”, respondeu Vidal.

“Está bem. Desamarrem-no”, falei:

“ele não fugirá. E se o fizer, deixará uma trilha de sangue”

Mas Vidal não se demoveu. E Isabel ficou a cutucar com uma vara o que havia sobrado da fogueira. Resolvi subir ao sótão e, na passagem pelo banheiro, vomitar um pouquinho.

Abri a janela oval e coloquei a cabeça para o lado de fora, buscando um pouco de ar fresco. O céu, carregado de nuvens, estava tão baixo que pude tocá-lo algumas vezes com as pontas dos dedos. As nuvens estavam de tal modo compactas que talvez uma nova estação das águas ocorresse fora de hora.

Enquanto admirava tais perigos, pude observar que a concentração nos céus acabara por provocar algumas rachaduras entre uma nuvem e outra, como também na espinha dorsal de algumas delas, o que era ainda mais grave. Espichei a vista

procurando reencontrar no horizonte o ponto exato onde ficava o nítido nulo, mas apenas encontrei um contínuo cinzento que se alastrava até o infinito, sempre resvalando na curvatura da terra.

Na manhã seguinte, logo que acordei, fui até o jardim, verificar se o fogo havia consumido todo o passado do espantalho e se Vidal já estava saciado em sua ânsia de sangue. Apenas encontrei um monturo de cinzas, e tanto o ex-guarda quanto Vidal haviam desaparecido. No chão, a trilha da fuga de ambos: pegadas, como eu previa, fabricadas pelos dentes do espantalho. Decidi segui-las. Atravessei os portões da casa, cruzei a rua, tomei um táxi e mandei que acompanhasse, em baixa velocidade, as marcas de sangue do chão. Cruzamos todo o cais e seguimos pelas docas, depois o pontilhão, e tomamos a estrada que margeia o rio. À certa altura, a pista se interrompeu. Mandei que o táxi parasse e desci.

Não havia dúvida. Vidal e o espantalho atravessaram naquele ponto o rio, seguindo depois rumo ao limite da civilização, ou, mais precisamente, até o nítido nulo.

Capítulo sem número

O nítido nulo se desenhava como um oásis inatingível. Por mais que caminhasse em sua direção, mais se tornava inabordável, como se estivesse capacitado a sentir prazer em espicaçar minhas ânsias. Retirei do bolso do casaco o caleidoscópio que pertenceu a Isabel quando criança. Com o objetivo de controlar minhas exasperações, logo me ajustei às manhas do brinquedo, tapando com a mão um dos olhos e erguendo seu fundo na direção do sol, de modo que este infundisse aos vidrilhos todas as aberrações possíveis para um caleidoscópio imaginoso. A cada curto sobressalto os espelhos propunham novo esquema de cores e ocupação de espaço absolutamente original.

Durante horas, até meus braços amortecerem, permaneci com as vistas enfiadas no pequeno orifício, ora a direita, ora a esquerda, dando a cada uma oportunidades iguais. Ambas concluíram que o exame do caleidoscópio na fronteira da região mágica do nítido nulo dava ao instrumento todas as qualidades de um binóculo de altíssima precisão, que causaria, sem dúvida, água na boca a Vidal. E todos sabemos que um binóculo bem construído consegue nos transportar sem dificuldade para recintos e regiões para as quais não fomos muitas vezes explicitamente convidados.

Baixei o brinquedo, e olhei na direção do nítido nulo, sobre o qual tracei uma linha e um ângulo imaginários. Assestei o caleidoscópio de acordo com tais referências, para que assim o nítido nulo viesse se plasmar aos milhares de vidrilhos articuláveis e, de um modo ou outro, convivesse e usufrísse dos esquemas que o brinquedo diligentemente inventava. Alterei o ritmo e a intensidade das oscilações do cilindro, produzindo movimentos em câmera lenta com a finalidade de gravar com perfeição os múltiplos retalhos que compõem -- ou dissipam -- o tecido do nítido nulo.

Não foi tarefa fácil, o nítido nulo imprimia sua heterogênea-inexistente identidade em cada vidrilho, de sorte que mesmo o exame isolado de um único espectro requeria uma extraordinária dose de intuição - e mesmo, sorte -- para que se pudesse isolar, separar, o que era uma propriedade do vidro, e o que era uma projeção do nítido nulo sobre ele. Somente a comparação antes-e-depois (antes do nítido nulo e depois com ele) poderia oferecer um significativo contraste dos relevos da nulidade, sua dimensão aproximada e grau de interferência, embora todas as conclusões apenas servissem para a extrema especificidade daquele vidrilho sob aquelas, também específicas, condições de luz, ângulo, etc.

Trabalho ingrato, pois abordava o gigantismo da nulidade lançando mão de parâmetros matemáticos tão microtípicos que seriam necessários séculos de surpresa e de fantasia para concluir a tarefa. Percebi, ademais, que apenas por meio das qualidades comuns aferidas pelo exame do caleidoscópio e pelo exame do nítido nulo, ambos tomados em sua totalidade ideal, poderia estabelecer algum ponto de partida que permitisse concluir a pesquisa em menos de um milhão de anos.

Parti, então, de um pressuposto aparentemente grosseiro e redundante: tanto o caleidoscópio quanto o nítido nulo não se

repetiam empiricamente, ambos ofereciam infinitas possibilidades de prognóstico, e ambos, também, se interferiam mutuamente quando um invadia os domínios do outro. Em estando eu na região limítrofe de tais domínios -- e a ilação só é válida para o local fronteiriço -, poderia concluir que o caleidoscópio e o nítido nulo, em dado momento e em dado lugar, coincidem completamente, e o propósito básico de um é o propósito do outro, de forma que qualquer pessoa que ainda sinta alguma emoção por caleidoscópios estará, *mutatis mutandis*, estabelecendo alguma espécie de contato com o nítido nulo. Suas chances de pisar o mesmo território que piso agora não serão nunca desprezíveis, bastando que o manipulador de caleidoscópios traga sempre um exemplar no bolso do paletó, fazendo uso dele quando sentir necessidade.

Estou a cinquenta centímetros aproximadamente do nítido nulo e não existe agora uma só vontade reprimida, nenhuma vicissitude, toda a ausência de comandos -- e a muda conversação dos espelhos e das cores tingindo a retina. Se uma margarida ou uma couve surgir mais de uma vez no esquema do cilindro, será uma alucinação adulta, porque não existe coincidência em um caleidoscópio - e se coincidências brotarem na minha cabeça, não estarei preparado para o salto de cinquenta centímetros. Vou então até o sótão e abro a janela oval, o motorista de táxi ainda está lá embaixo, esbravejando porque lhe fiquei a dever a corrida do rio até aqui. Expliquei-lhe que dinheiro não tinha, mas que o autorizava a levar para casa algum pedaço da maquete do largo que fosse de seu agrado.

O homem está lá, os braços levantados, os punhos fechados estocando o ar como se meu rosto estivesse pulverizado pelo mundo afora. Tiro o caleidoscópio do bolso e, sorte minha, não vejo coisa alguma, mas vejo a mim,

dançando como um frenético palhacinho entre colinas vermelhas, sobre elas um céu marrom com pintinhas amarelas, o chão é transparente e através de sua transparência vejo o céu novamente do outro lado, que é um mostrador de relógio com nuvens nos lugares dos números e o relógio desliza por uma encosta e sinto um frio quase mórbido quando o tobogã explode na água e a roda gigante do parquinho desatarracha e aparece como um bolo de aniversário, as velinhas acesas, sobre um prato com ursos e colibris nas bordas, e as garrafinhas estouram, cada pedaço puxado por uma mosca que mergulha por um funil, por onde os vidrilhos passam, embora sejam muito maiores que o buraquinho e do outro lado sou umas labaredas fazendo cócegas na barba do velhinho de pedra e musgo, que fica chorando de dor e que derrama uma lágrima maior que o olho, e que se transforma depois numa latinha, que vira um triângulo, que vira um abacate podre, que vira um pé de galinha, que vira um cisco no olho.

Quando guardei o caleidoscópio no bolso, olhei outra vez para verificar se o motorista estava ainda lá, esperando seu dinheiro. Mas não havia qualquer sinal dele. Chamei Isabel e perguntei se ela havia sido admoestada pelo motorista

“Não vi nenhum carro parado na porta, nenhum palavrão disperso no ar. Você deve estar sonhando, Antonio”

“Mas como, Isabel, se estive no rio e na volta tomei um táxi e ele me deixou exatamente em frente de casa, e nada nos bolsos para pagar, e subi correndo e me tranquei aqui para olhar o caleidoscópio”, disse num fôlego só.

“Você não arredou pé do sótão, mantendo-me prisioneira de toda gama de curiosidades. De modo que me vi obrigada a também não arredar pé da casa, suas diabruras me alimentando, Antonio”

“Como assim”, perguntei, cutucando o umbigo de Isabel com a ponta de um velho guarda-chuva.

“Largue a arma e encare a realidade: o caleidoscópio descomunal feito de um barril e de todos os vidros que ornavam a casa e a protegiam”

Abaixei a arma e recuei.

“Não diga nada, você não está querendo enxergar que está sentado justamente em cima do artefato que criou?”

“E o táxi, então?”

“Devia estar na dinâmica dos cacos, sua fisionomia”

“Vidrilhos”, corrigi.

“Vidrilhos, se quiser”

“E os palavrões machucando os ouvidos?”

“Na certa o padeiro da rua, sim, o padeiro, estive aqui ainda ontem, prometia vingar-se. Nunca mais os pães serão frescos”

Isabel desceu, deixando-me a árdua tarefa de reordenar os fatos sozinho.

Mergulhei a cara no barril, com dificuldade consegui estremecê-lo, de modo que os vidrilhos vibrassem. Não vi táxi algum, apenas um céu muito baixo, as nuvens quase tocando a pele das águas e, na

margem oposta do rio, Vidal e o espantalho embrenhando-se pelo nítido nulo, até que uma espessa nulidade os escondeu. Tentei recuperar parte do último esquema, usando a câmera lenta, no entanto,

apenas as nuvens, as nuvens rolando rio acima, ao encontro da fonte, e um palhacinho, surgindo das águas com um globo terrestre na ponta do nariz, que em seguida, com um soco, atirou longe o objeto, que voou pelos ares junto com sua cabeça e o gorrinho, ficando depois entravado e quieto, com um caleidoscópio nas mãos -- sem utilidade mais, já que não tinha como olhar para o orifício. Então o palhacinho sem cabeça suspendeu o brinquedo até a altura dos ombros, pelo orifício do caleidoscópio do palhacinho pude ver um único vidrilho, que podia ser o reflexo de uma agulha sob o sol, ou nada, coisa nenhuma.

Foi Isabel quem encontrou, quando fazia jardinagem, debaixo de uma pedra, uma ordem de prisão com o dia e a hora exatos da chegada do guarda naquela casa.

“No futuro outros guardas virão”, disse quando ela me mostrou o papel.

“Eles agora estão em todos os lugares, vasculhando sem clemência, depois que a notícia da ocupação do nítido nulo tomou conta da cidade”, acrescentei.

Isabel rasgou em pedaços o documento, atirando-o sobre o muro.

“Acha que o guarda me julgava inocente?”

“Ele sabia da culpa”, respondeu.

“E por que então a pedra sobre toda a verdade?”

“Já então um guarda-marinheiro, a âncora com a serpente tatuada no braço direito foi um atributo decisivo”

“No futuro, outros guardas”, repito.

“Outras gralhas necessitadas, também”, ela acrescentou.

“Tenho medo”, desabafei.

“Eu também: não quero que saibam que estou morta, Antonio”

“Vamos para o armário, é preciso”, supliquei.

“Tenho ainda que colher o absinto, fabricar o aguardente e sentir o efeito de toda miscelânea plantada”, falou com firmeza.

Os jornais ainda comentavam a provável ocupação do nítido nulo, e quando diziam ‘provável’, é porque, coisa mais óbvia, não possuíam meios de conseguir um flagrante, ou uma única testemunha capaz de dizer sem mentir que vira dois homens, ou melhor, um homem e uma figura indefinível, mas com vida própria, ambos com os pés firmemente postados sobre a região de todas as ausências. Algumas missões já começavam a ser organizadas, também diziam os jornais, com o intuito de colher informações mais precisas sobre as propriedades do lugar nenhum. Atribuíam a ele qualidades medicinais e milagrosas, clamavam que o espaço em questão era e devia ser sempre um bem comum, não apenas de um ou outro aventureiro desmiolado.

De qualquer forma nada mais me restava a fazer, a não ser testemunhar a germinação das plantas e uma vez ou outra surpreender a mariposa lutando, atabalhoadamente, para fazer passar as asas pela rachadura de alguma nuvem de espinhaço quebrado. A mariposa voltava para casa, eu sabia. E isso me dava um grande prazer à falta de outro estímulo mais consistente para continuar a viver.

“Por que acha que Vidal partiu?”, perguntei um dia a Isabel, prenunciando que tínhamos menos cálices à mesa e mais aguardente.

Isabel apenas sorriu.

“Quando provaremos o absinto?”, perguntei.

“Antes mesmo do que você imagina”

O primeiro ramo ali estava, sobre a mesa. Não era um exemplar que promettesse uma beberagem sem travas na língua, mas serviria às nossas práticas. A mariposa, por seu turno, finalmente encontrou uma fenda compatível com sua aerodinâmica, desceu em um pique invejável para a idade e, destroçando inúmeras telhas da casa, alojou-se resfolegante no sótão. Creio que estando em nossa companhia, e auxiliada pela constante umidade da casa, a mariposa retomará rapidamente o verde tão comum às avencas. Quando isso ocorresse e suas asas viessem a cair em definitivo, ficando, pois, raízes e esperanças em algum vaso decorativo, também o absinto estaria pronto para beber.

Mas por enquanto, ainda, a mariposa nos examina de suas proporções animais. O absinto acaba de irromper no jardim, agora se alastrando pelo canteiro: delicadas gotas amarelas, olhos assustadiços piscando.

Despontam também o açafate, a aniga, a bletila, a carólia, o ciclame, a dedaleira, a echeveria, a eufórbia, o evônimo e a falenopse. A fitônia e a godésia, a huérnia, a íxia, a junça, o linho, a

medinila, a opúncia, o papiro. A rochéia e o sagueiro, a tanásia, o verbasco, a wistaria, a yuca e a zínia. Pois Isabel plantara um sortimento completo de letras, que aqui comparecem de acordo com o abecedário, mas que dispostas no jardim apenas nos confirmam que Isabel não possuiu jamais qualquer disciplina mental, além da salivação, ou mesmo quaisquer predileções dignas de registro, além dos doces.

O absinto ainda repousa em sua promessa de aguardente, e as demais plantas, assim que chegar a hora, serão desfolhadas e despetaladas, de sorte que brevemente teremos nas mãos todas as letras do alfabeto. Com essa matéria-prima reconstuiremos uma e outra palavra que não fomos encorajados a pronunciar. Enquanto isso não acontecer, perdurarei na solidão desta casa, a presença de Isabel transpirando das coisas mais sensatas, os escombros da maquete do largo atirados para ali, o equipamento obsoleto que alimentou a existência do planetinha, a câmara de John, o aquário, o telégrafo do poço, a bandeira que o guarda fincou um dia sobre este terreno baldio, o podre madeirame da boca de cena do teatro, o apito do trem na gare quando - clandestinos - tomamos o navio e depois o avião, que subia sempre e dentro dele sobrevoamos o castelo e o presídio, seus minaretes, seus passadiços. A música para trás, de Janácêk, a placa em que inscrevi Vidal e outras sentenças

Por ora, apenas a casa, as moscas imóveis, à escuta. Atentas aos primeiros acordes.

As moscas, eu havia dito, esventando toda a umidade da casa, vou fazer um café, Isabel diz que o absinto está pronto para beber, há sempre um frasco vazio na casa. Ela escolheu o mais bonito, beberemos. E olharemos o frasco, sentiremos com a ponta dos dedos seu frescor, beberemos aos poucos, o frasco à mão, sobre a mesa, dois cálices, disse a ela que à distância os cálices pareciam meus vidrilhos, constante combustão, película de cores e cheiros, horas de mudança e improviso, amálgama de sementes solares. Uma vez, quando o caleidoscópio exausto, os vidrilhos reverberaram uns nos outros, um aventura de cristal, e não havia como exigir que operassem novos milagres, embirraram, estagnaram na forma que originalmente os concebeu, e permaneceram horas assim, até que, cego de tamanha imobilidade, larguei o caleidoscópio, então uma provocação? uma transmutação da trajetória da necessidade? o que eu dizia? o caleidoscópio exausto, deveria ter contado, pois foi justamente quando, nitidamente a mesa e os dois cálices pela metade, fui vasculhar a

casa, o caleidoscópio copiara tal e qual, os cacos de vidro que os conformaram -- os vidrilhos -- abarcaram princípios inexpugnáveis, e a casa toda havia sido feita daquele material, por onde espiávamos os tufos, o desgoverno das estrelas e outras transformações, tudo literalmente falso, estático como um quadro, conquanto toda a simulação da decrepitude do mundo, através das janelas e demais vazaduras da casa, a certeza de filtro nenhum, no entanto os vidrilhos, não está bem explicado: uma provocação do caleidoscópio e da janela da casa, na medida em que o material é exatamente, bem, é sabido que me vali das janelas e vitrôs para construir o caleidoscópio, não pode persistir dúvida que a essência do que era projetado na janela para se ver projetava-se no fundo do cilindro, e o que se podia ver pela janela podia-se ver, também, fazendo uso do brinquedo, apenas que as ocorrências não eram coincidentes, já que vidrilhos contíguos não correspondiam necessariamente a janelas ou vitrôs contíguos, e também porque a montagem dos infinitos esquemas os embaralhou, posto isto, sirvo o café, entorno a ampulheta, não falei da ampulheta, porque poderiam pensar que seu registro do tempo refere-se a um tempo interior, plasmado em minhas reivindicações para com o próprio tempo, a ampulheta aqui é simplesmente um objeto esdrúxulo e sem finalidade, a não ser evitar que os papéis e as contas voem, atividade pertinente às moscas, as moscas pousam sobre os dois cálices justamente quando Isabel está a servir o absinto, Isabel não se dá conta das moscas e

enche os cálices, me examina de sua figura milenar, todas as ciências concentradas no gesto de encher os copos, largo então a

revista que estava a folhear e fico medindo a praia, que é também um mero brinquedo do oceano, vejo o cais, o atracadouro, e as alfândegas das nações dificultando o livre curso das correntes, gosto da praia, mas a areia, em sua multitude infinita de pequenos e indecifráveis grãos, vou provar o absinto, o cristal se incendeia, um barrote de fogo, a usina com força total, os lingotes escorrendo sobre a esteira, e um sol gelado e manso ao pé da fornalha, se aquecendo timidamente, meu corpo tocado, rompida a membrana travo estigma, Isabel e a casa, por ora a casa, escorrendo pelos dedos, o cálice.

Por ora, apenas a casa, eu estava dizendo, e os destroços do largo aprofundando-se no esquecimento, fibras sem paradeiro atiradas ao léu, invadindo a grama e sua originalidade, abro as mãos onde recolhi um fiapo de voz de algum protagonista das coisas do largo, me diz de uma falta, de uma ausência, reclama os longos passeios sem finalidade, no movimento perpétuo do largo, os múltiplos círculos em torno dos corpos, como se neles fulgurasse alguma divindade (penso que havia realmente algum deus escondido naquela maquete, concebendo a seu modo as diferenças e os azares de algo a que se deu o nome de humanidade, ou coisa similar, igualmente grave). O fiapo de voz não se atenua ao contato com a palma da mão, vibra monocórdio e a nota se expande em um eco pelos ares, coalhando o tempo, as nuvens e o sol tíbio. Iridescências sobre a retina, ou outra pureza no olhar. Mas repentinamente a voz

se contrai e se enovela em busca de novo pulso, prui depois sobre minha pele como se imitasse um ser a evoluir alguma dança, bato as mãos e a voz se esmigalha, se esfacela, parasitando o alpendre da casa. Onde outrora o largo, apenas a terra socada e preparada para receber a dádiva, e os cardos emersos como lascas plantadas em um muro. Ricocheteiam à luz vertical, formando uma magma de calor e vapores. Apago o cigarro

apago o cigarro, mas já os fantasmas se erguem da fumaça, reproduzindo-se através do espaço da memória devastada, os homens austeros, o padre, os vendedores, o gato sobre a cimalha de alguma nuvem, distraíndo-se com a promessa de uma região infinitamente mais ecumênica que a provinciana igreja que criaram, o guarda girando incontáveis vezes sobre os calcanhares, jurando olhos atentos por todo o corpo, os jovens loucos esperando um amanhã mais narcotizado, ou aguardando apenas que as luzes de um cinema sem luzes, de lugar algum, se apaguem, e isto leva bem mais que uma eternidade, esqueci de contar dos jovens à porta da farmácia, com suas receitas e seus cabelos escondendo a nuca, esqueci também de preparar uma preleção para o padreco, com alguns trechos escolhidos para atingir, com isso, um efeito realista, também esqueci de comentar o texto que li nos vidrilhos do caleidoscópio e que dizia, mais ou menos, “as moscas não batem as asas. Coalho. Um feixe luminoso e muscular esparrama-se sobre o piso de olhos irregulares. Embriagada pela noite ela apresenta os bicos dos seios hirtos, salpicados de neve. Mel escorrendo por entre os dedos em suspensão”, porque não fica bem falar de um texto na frente de outro, deixei de falar do dia em que Vidal partiu e Isabel e eu largamos nossas roupas em algum lugar da casa e “lascas flocos

emulsão fundura, infinidade porejamento eixos triscados, visgos supurosos fermentos, ervas herança hetaira túrbido corte real, todo seu corpo, ou o meu corpo todo mais dileto acima de qualquer consciência”, e no entanto o vazio do largo, as espirais de nuvens, a estola bordada do vigário bem se pode ver saltando de uma casa a outra, e as austeras bengalas dos austeros -- me esqueci de lhes preparar uma cusparada de palavras, algo apropriado, que lhes assentasse bem, mas, enfim, todos sobre uma colina de vapores, se os tivesse visto na primeira vez como os vejo agora, outros moldes, ou nada que os moldasse a não ser uma disparidade de vozes cintilantes a cobrarem da vida o corpo que a vida lhes objetou, portanto os fiapos da maquete turbilhonam no jardim, ressequidos de minha severidade, titubeantes, um ou outro se desagrega do redemoinho e se apóia nos meus braços, atracadouros, sobre as minhas pálpebras, na cavidade dos meus ouvidos e diz-me coisas a baixa voz, o teatro vem contar sua história, seus porões repletos de papéis que se contorcem como intestinos apalpadados, um longo cordel de desilusões, de fracassos, um renque de emoções não desfraldadas, os barcos com marinheiros rufiões, atrelados a carroças do estúdio de John, já expliquei que John era cineasta?, as carroças estacionam na ponta do nariz de Gulliver, velas recolhidas, a praça então congestionada de vozes, o vento se agita sobre as giestas -- gosto da palavra, tinha que usá-la ao menos uma vez, as giestas e o absinto trazem flores amarelas, vou ao cinema, ver o que foi feito de John e de sua imaginação, com cautela vou pisando por entre as vozes, vou me aproximando da entrada, os fantasmas formam uma fila ruidosa atrás de mim, não posso arcar com tantos ingressos, explico no guichê, acendo um cigarro, acabei não bebendo o café, Isabel dormiu sobre o meu peito, exagerou no absinto, as folhas da janela batem na parede e se voltam outra vez

contra o beiral, o vento as empurra de vez contra o muro, à lufada a mariposa suspira, estremece as asas e retrai o corpanzil sobre o tapete ao lado da cama, vou plantá-la no vaso, mas não agora, o que importa agora são as vozes, ainda no jardim, começam a cantar, a terra está preparada, infiltrada de esperança, as vozes trabalham procurando operar a transformação, as janelas desabam sobre os caixilhos, o vento traz um cheiro doce.

